



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPINA GRANDE – CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC I  
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

**MARIA JOSÉ SOARES DE LIMA SILVA**

**“Trabalhando em serviços de homens”: Mulheres do Estreito  
no(des) compasso de um discurso moralizante**

CAMPINA GRANDE – PB  
2013

**MARIA JOSÉ SOARES DE LIMA SILVA**

**“Trabalhando em serviços de homens”: Mulheres do Estreito no  
(des) compasso de um discurso moralizante**

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Graduada em Licenciatura Plena em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>Dr.<sup>a</sup>Patrícia Cristina de Aragão Araújo

CAMPINA GRANDE – PB  
2013

S586t

Silva, Maria José Soares de Lima.

Trabalhando em serviços de homens [manuscrito]:  
Mulheres do Estreito no (des) compasso de um discurso  
moralizante / Maria José Soares de Lima Silva. – 2013.

**69 f. : il. color.**

**Digitado.**

**Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação  
em História) – Universidade Estadual da Paraíba,  
Centro de Educação, 2012.**

“Orientação: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão  
Araújo, Departamento de História”.

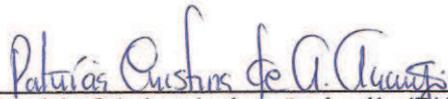
1. Gênero feminino. 2. Identidade. 3. Mulheres. 4.  
Trabalho. I. Título.

21. ed. CDD 305.4

MARIA JOSÉ SOARES DE LIMA SILVA

**“Trabalhando em serviços de homens”: Mulheres do Estreito no  
(des) compasso de um discurso moralizante**

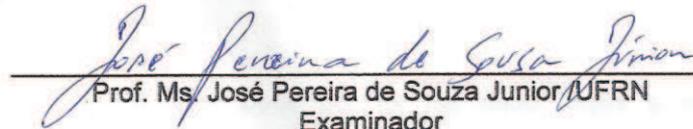
Aprovada em 17/12/2013



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Cristina de Aragão Araújo (DH/CEDUC/UEPB)  
Orientadora



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Socorro Cipriano (DH/CEDUC/UEPB)  
Examinadora



Prof. Ms. José Pereira de Souza Junior (UFRN)  
Examinador

## DEDICATÓRIA

À Deus por ter me dado forças e motivação para conseguir realizar mais um sonho e a meus pais, Maurina (In memória) e João, por terem me dado a vida, amor, carinho e por ter me ensinado, através do exemplo, valores que trago comigo até os dias de hoje. DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

À Deus, pai de amor e de esperança, por ter me proporcionado a graça e o merecimento de ter concluído o primeiro passo de minha longa caminhada acadêmica;

Aos meus amados pais, Maurina (In memória) e João, por terem sempre me guiado a trilhar os caminhos retos e seguros. Por estarem sempre ao meu lado, me dando a certeza de que eu estaria segura, protegida e amparada;

Ao meu esposo, Carlos Alberto, por toda paciência, compreensão e ajuda durante todo este processo de Conclusão de Curso e, acima de tudo por ter me incentivado e acreditado em mim, desde o primeiro dia em que comecei a cursar;

A minha querida Orientadora Patrícia Cristina que mais do que me auxiliar na feitura desse estudo, me ajudou com palavras e incentivos nos momentos em que me senti fragilizada. Pela dedicação e acolhimento.

A professora Socorro Cipriano por ter contribuído para meu crescimento e aprendizado acadêmico e por se dispor a ler e analisar este trabalho.

Ao professor José Pereira de Souza Junior, professor querido e estimado, por sua simplicidade, dedicação, empenho e pela ajuda indispensável no momento em que mais precisei. Mais do professor tornou-se para mim um amigo que trago em meu coração. Minha eterna gratidão.

Aos meus familiares, pela compreensão dispensada nos momentos em que precisei ausentar-me para conclusão dessa jornada;

Aos meus amigos da turma de história 2009.2, em especial, aos meus queridos amigos, Celestino, Jéssica, Paula, Roberlene e Silvânia por terem transformado o fardo das rotinas acadêmicas em momentos leves e agradáveis em suas companhias, e por serem para mim irmãos de coração. Minha eterna e sincera amizade;

Por fim agradeço as mulheres e os homens do Estreito por terem me concedido a honra de poder escutar e transmitir seus relatos e histórias de vida e, principalmente, pela acolhida e contribuição na feitura desta pesquisa;

Agradeço a Deus por todas essas pessoas maravilhosas em minha vida, peças chave para minha realização, pois sem elas jamais chegaria aonde cheguei. Obrigada Senhor.

Eu não discuto com um homem apenas, com o Sr. Bombarda (médico português, MR), com Lombroso ou Ferri: protesto contra a opinião antifeminista de que a mulher nasceu exclusivamente para ser mãe, para o lar, para brincar com homem, para diverti-lo (MOURA apud RAGO, 1997, p.97).

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo problematizar a história de vida das mulheres moradoras da Comunidade rural do Estreito, Distrito de Catolé de Boa Vista pertencente ao município de Campina Grande – PB enfatizando suas trajetórias no mundo do trabalho urbano e chamando atenção aos aspectos do seu cotidiano, relações familiares, visões e percepções do mundo. A proposta desse trabalho é abordar as histórias de vidas dessas mulheres dando ênfase, sobretudo, a sua inserção no mundo do trabalho urbano por notabilizarmos que o fato de elas serem residentes da zona rural, nem sempre elas têm aquela representação que muitas vezes na cidade são construídas para elas, de mulheres eminentemente submissas e que só vivem exclusivamente da casa para roça. Como referencial teórico de nossa pesquisa temos os estudos desenvolvidos por RAGO (2000), SCOTT (1990), HALL (2011) e ALBERTI (2010). Como abordagem metodológica trabalhamos com a história oral a partir dos estudos de ALBERTI e DELGADO (2010), a partir de entrevistas semi estruturadas. Além da oralidade, fizemos interface com a pesquisa bibliográfica e empírica, cujos sujeitos foram homens e mulheres desta comunidade. Falar da história das mulheres do Estreito é poder registrar suas sensibilidades e suas subjetividades e poder dar visibilidade à vozes que por muitas vezes foram silenciadas. Tal exercício nos permitiu desconstruir estereótipos e questionar estigmas atribuídos pelos moradores do estreito a essas mulheres que exercem trabalhos eminentemente masculinos.

Palavras chave: Mulheres. Gênero. Identidade. Trabalho

## **ABSTRACT**

This paper aims to discuss the history of life of women living in the rural community of the Strait, District Catolé of Boa Vista in the municipality of Campina Grande - PB emphasizing their paths in the world of urban work and calling attention to aspects of their daily lives, family relationships, visions and perceptions of the world. The purpose of this study is to discuss the stories of the lives of these women emphasizing, above all, their integration into the urban labor notabilizarmos by the fact that they are rural residents, they do not always have those representation in the city are often built for them, eminently submissive women who only live and exclusively for the home garden. Theoretical framework of our research studies have developed by RAGO (2000), SCOTT (1990), HALL (2011) and ALBERTI (2010). As a methodological approach worked with oral history from studies of ALBERTI and DELGADO (2010), based on semi -structured interviews. Beyond orality, we interface with the literature and empirical research , whose subjects were men and women of this community. Speaking of women's history Strait is able to register their sensibilities and their subjectivities and power to give visibility to the voices that have been silenced by often. This exercise allowed us to deconstruct stereotypes and stigmas attributed by residents to question the narrow these women engaged predominantly male jobs.

Key words: Women. Genre.Identity.work

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução .....</b>	<b>11</b>
<b>2. A invenção de um ser feminino .....</b>	<b>19</b>
2.1 A aceitação e a naturalização de uma “essência feminina” .....	19
2.2 As vozes que ousam se levantar contra um discurso “naturalizado” .....	26
2.3 Divisão sexista de trabalho: A sobrecarga recai sobre as mulheres.....	33
<b>3. “Trabalhando em serviços de homens”: Mulheres do Estreito e os estigmas que carregam em seus corpos.....</b>	<b>36</b>
3.1 Breve abordagem sobre a comunidade do Estreito .....	36
3.2 “Do limão a limonada”: Os sabores e dissabores experimentados por quem transgrede os lugares socialmente fixos.....	48
3.3 “Usei todas as pedras jogadas contra mim para construir o meu castelo”: Desafios e superação vivenciados pelas mulheres do Estreito .....	54
<b>4. Considerações Finais.....</b>	<b>61</b>
<b>5. Referências Bibliográficas.....</b>	<b>63</b>
<b>6. Apêndice.....</b>	<b>68</b>

## INTRODUÇÃO

Circula no senso comum, ainda nos dias atuais, a ideia de que as mulheres habitantes das comunidades rurais são autênticas representações do modelo de feminilidade construído pelos inúmeros discursos de poderes nos séculos XIX e XX. É recorrente entre os populares, em especial, entre os residentes da zona urbana a crença de que, a maioria das mulheres moradoras das comunidades rurais ainda é “sustentada” por seus pais ou maridos, ou seja, que elas ainda simbolizam um padrão homogêneo de feminilidade e que são educadas com valores patriarcais. Ou, no máximo, que quando trabalha, seu campo de atuação profissional restringe-se ao universo agrícola, onde a divisão sexual do trabalho é fortemente presente.

Nossa proposta de trabalho é abordar sobre as mulheres habitantes da comunidade rural do Estreito, Distrito de Catolé de Boa Vista pertencente ao município de Campina Grande – PB, onde enfatizaremos sobre suas histórias de vida, sua inserção no mundo do trabalho urbano. Notabilizando que por serem mulheres habitantes da zona rural, nem sempre correspondem às representações de mulheres eminentemente submissas, prendadase que só vivem da casa para roça, que muitas vezes são construídas para elas na cidade. As mulheres e os homens que participaram desta pesquisa são pessoas que têm outros tipos de atividades, que não aquelas tradicionalmente vistas para as mulheres do campo.

Não pretendemos aqui apontar as mulheres do Estreito no mundo do trabalho pela perspectiva economicista. Discorreremos as mulheres no mundo do trabalho pelo viés do cotidiano, de suas representações, de suas sensibilidades, de seus dilemas, das suas batalhas e suas conquistas.

Longe de apresentar o Estreito como apenas mais uma comunidade rural, que aparece em vários discursos como lugar de valores tradicionais, lugar de vidas pacatas, onde os homens, chefes de família, ainda exercem seu poderio sobre as mulheres (passivas e submissas). Pretendemos apresentar esta Comunidade como lugar aonde se desenvolvem relações de luta e redefinições de papéis e lugares sociais. Comunidade aonde seus residentes apresentam identidades femininas e masculinas com singularidades, particularidades e flexibilidade.

Como objetivo geral este estudo se encaminha no sentido de problematizar a história de vida das mulheres moradoras da Comunidade rural do Estreito,

enfatizando sua trajetória no mundo do trabalho urbano, mas chamando atenção aos aspectos do seu cotidiano, das suas relações familiares, das suas visões e percepções do mundo.

Como objetivos específicos iremos refletir sobre as relações de gênero com foco no feminino mostrando como se passou a discutir sobre as mulheres e como elas passaram a ser foco de análise na pesquisa histórica. Mostrar como pensam as mulheres e os homens da Comunidade do Estreito que fizeram parte da composição de nossa pesquisa acerca dos seus trabalhos, suas vivências, suas realidades cotidianas, os desafios.

Nos propomos a elaborar, enquanto questões orientadoras, os seguintes aspectos: De que modo as mulheres do Estreito nos seus cotidianos, inseridas no mundo do trabalho, articulam a vida do campo com a vida da cidade? O que as mulheres dessa Comunidade pensam sobre si, sobre suas vivências e como é que para elas são criados estereótipos e estigmas?

Como referencial teórico são abordados os conceitos de gênero a partir dos estudos de RAGO (2000) e SCOTT (1990) o conceito de identidade com HALL (2011) e a história oral é fundamentada a partir das concepções desenvolvidas por ALBERTI (2010).

A motivação para a realização deste trabalho se deu de várias ordens. Primeiramente, enquanto mulher e filha de pessoas que moram em uma comunidade rural e de uma família que prima por valores tradicionais e machistas, sempre me inquietei e questioneei o lugar ocupado pelas mulheres, em especial, as moradoras do Estreito. Enquanto graduanda do curso de história e pesquisadora sempre me interessei pela discussão da oposição e relação de poder existente entre o ser masculino e feminino.

Deste modo, motivada por interesses de ordem pessoal e acadêmica, pensamos em desenvolver uma pesquisa que tratasse, especificamente, das relações binária existentes entre homens e mulheres, bem como mostrar as especificidades das mulheres trabalhadoras dessa localidade. Esta iniciativa torna-se uma ação importante por trazer contribuição tanto para o campo das pesquisas sobre relações de gênero e identidade, como também, por questionar estereótipos que classificam o Estreito como uma Comunidade rural onde só existem valores tradicionais e o torna objeto de estudo.

Como abordagem metodológica trabalhamos com a história oral utilizando as narrativas das mulheres e homens da Comunidade do Estreito em interface com a pesquisa bibliográfica e empírica. Fazendo uso de gravador e entrevistas semi estruturadas, capturamos, observamos e analisamos os discursos, práticas e representações dos nossos depoentes sobre diversas questões e as contradições entre seus discursos e prática.

Hoje se trabalha muito, na pesquisa histórica, com História Oral, pois ela nos permite entender o contexto analisado a partir das vozes dos próprios narradores, pessoas que vivem naquele lugar, espaço, no qual o historiador se debruça a pesquisar. Há alguns estudiosos que definem a metodologia da História Oral. DELGADO (2010) define história oral como sendo:

Um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida (DELGADO, 2010, p. 15).

Neste sentido, evidenciamos a importância da história oral, pois, enquanto metodologia ela possibilita o registro dos depoimentos das histórias vividas e, a partir daí, esta narrativa torna-se fonte, documento.

Para ALBERTI (2010), foi a partir de meados do século XX e após a invenção do gravador a fita, que a História Oral surgiu como metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea, porém, só depois de vários anos é que ela, enquanto novo método de pesquisa foi aceita e incorporada pelas academias.

Na realidade, o reconhecimento da História oral só foi possível a partir do momento em que as Ciências Humanas reconhecem a existência de múltiplas histórias, memórias e identidades presentes em uma sociedade. A própria disciplina de História priorizou durante muito tempo o documento escrito, oficial enquanto que não via com “bons olhos” os relatos orais uma vez que para ela uma sociedade sem escrita era uma sociedade sem história. ALBERTI (2010) nos lembra ainda que a História também sofreu grande influência por parte da Escola dos Annales, cuja corrente dava ênfase a história quantitativa e a processos de longas durações.

Sendo assim, histórias de vidas e relatos pessoais dificilmente seriam aceitos por esta ciência.

A inserção da História oral na academia, conforme ALBERTI (2010) só é percebida a partir dos anos 90 e, sobretudo, após o fim da polarização maniqueísta que dividia as narrativas historiográficas em “vencedores” e “vencidos”, “eruditos” e “populares” e, assim, sucessivamente. Hoje a História oral é entendida como um caminho possível para se conhecer e registrar múltiplas formas de vidas, de diferentes grupos e camadas sociais.

A história Oral passou a ser praticada e identificada pelos pesquisadores como uma nova metodologia capaz de “dar voz” às minorias e possibilitar uma história “vinda de baixo”. Nesse sentido, a História Oral passa a ser entendida como:

Opondo-se à História positivista do século XIX, a História Oral tornou-se a contra-História, a História do local e do comunitário (em oposição à chamada História da Nação). Por trás desse movimento, estava a crença de que era possível reconciliar o saber com o povo e se voltar para a História dos humildes, dos primitivos, dos “Sem-História” (em oposição à História da civilização e do progresso que, na verdade, acabava sendo a História das elites e dos vencedores). (ALBERTI, 2010, p. 157-8)

No campo da pesquisa histórica e nas Ciências Humanas e Sociais de uma maneira geral, percebemos a importância do registro das vivências de grupos sociais, das suas falas, da maneira como se expressam para que possamos entender uma dada realidade. São várias as potencialidades e possibilidades metodológicas da história oral, porém, alguns equívocos devem ser evitados:

[...] O primeiro deles consiste em considerar que o relato que resulta da entrevista de História oral já é a própria “História”, levando à ilusão de se chegar à “verdade do povo” graças ao levantamento do testemunho oral. Ou seja, a entrevista, em vez de fonte para o estudo do passado e do presente, torna-se a revelação do real [...] O equívoco está em considerar que a entrevista publicada já é “História”, e não apenas uma fonte que, como todas as fontes, necessita de interpretação e análise [...] Outro equívoco decorrente da História oral “militante” diz respeito aos usos da noção de História “democrática”, ou ainda “vista de baixo” [...] Polarizações do tipo História de “baixo” versus História “de cima” contribuem para diluir a própria especificidade e relevância da História oral [...] (ALBERTI, 2010, p. 158)

A partir da fala de ALBERTI (2010) percebemos que vários equívocos que podem ocorrer por quem não utiliza de forma adequada os recursos da história oral, no entanto, esses empecilhos não desqualificam suas riquezas informativas e interpretativas. Esta metodologia, bem utilizada desafia e estimula o pesquisador.

Os sujeitos de nossa pesquisa foram seis mulheres trabalhadoras da Comunidade rural do Estreito, com a faixa etária de 25 a 48 anos, católicas, atuam

como secretária, professora, servente de pedreiro, motorista de ônibus, segurança de banco, atendente de telemarketing. Receberam os codinomes de D. Rosalina, D. Gorete, D. Janaina, D. Mariana, D. Simone e D. Gracinda. A maioria delas exerce seus trabalhos na zona urbana.

Participaram também do nosso estudo quatro homens, cujos codinomes são: Seu Antônio, Seu Roberto, Seu Alan e Seu Carlos, que trabalham, respectivamente, como professor, operador de máquina, agricultor e motorista. Estes têm faixa etária entre 24 e 40 anos.

Por sabermos que na comunidade do Sítio Estreito paira um discurso e uma delimitação muito forte de trabalhos específicos femininos e trabalhos masculinos, optamos em conhecer melhor as histórias de vida das mulheres que exercem profissões “ditas masculinas” por vários homens e mulheres moradores dessa Comunidade, tais como: cobradora e motorista de ônibus, segurança de banco, servente de pedreiro, no intuito de perceber como estas mulheres se percebem enquanto trabalhadoras, ao mesmo tempo em que optamos, também, por entrevistar outras mulheres que trabalham e exercem profissões “próprias para mulheres”, também na concepção de vários homens e mulheres dessa Localidade, e alguns homens (seus companheiros, familiares ou apenas vizinhos) para através de suas falas percebamos quais julgamentos, representações e valoração os outros fazem destas mulheres que trabalham em “ofícios de homens”.

A realização da pesquisa deu-se em três momentos distintos. A primeira foi escolher nossos narradores, entrar em contato com eles e falar sobre o Trabalho de Conclusão de Curso e da importância que sua participação teria para esta pesquisa.

As mulheres procuradas mostraram-se satisfeitas por terem sido escolhidas no sentido de contribuir na elaboração de um trabalho acadêmico, porém, nem todos os homens quiseram ser entrevistados, nem falar de sua relação com suas companheiras. Por timidez em ter que falar diante de um gravador, ou mesmo, por não aceitarem a presença de suas mulheres em trabalhos ditos masculinos. Ainda nesta primeira etapa aproveitamos e já agendamos nossas visitas, levando em consideração os horários disponíveis dos nossos informantes.

O segundo momento da feitura dessa pesquisa, além das leituras referentes ao tema, houve a efetivação das entrevistas foi o trabalho de campo. Para alcançar nossos objetivos tivemos que nos adequar a realidade de vida dos entrevistados, por

isso, nossas visitas aconteceram em horários distintos. Realizamos entrevistas pela manhã, tarde, noite e em finais de semana. Houve ainda algumas entrevistas que se sucederam em mais uma etapa, pois, com a chegada do companheiro, uma das entrevistadas não se sentiu a vontade para continuar nossa conversa, tanto por se sentir desvalorizada por seu cônjuge, como também, para evitar conflitos com ele.

Outros casos em que a entrevista foi realizada em duas etapas deu-se, quando entrevistamos o casal. Então era necessário ouvir cada um em momentos distintos, e outras vezes, porque, por se prolongar demais a nossa conversa, a entrevista estava se arrastando para horários inconvenientes, como nos horários de refeições ou tarde demais da noite, incomodando o sono de quem trabalha o dia inteiro. E por fim foi o momento de transcrever e analisar suas falas.

Trabalhar com História Oral é algo, sem dúvida, importante e significativo para o pesquisador, para o historiador, porém, não se pode deixar de mencionar que é uma tarefa árdua e difícil. Árdua, porque o pesquisador deve selecionar previamente seus entrevistados, elaborar um questionário, realizar as entrevistas, saber ouvir e, principalmente, saber analisar o que foi dito e o que foi silenciado. Difícil, porque sabemos que uma entrevista de História oral é uma fonte produzida de forma intencional e colhida depois de reinterpretado. É nesse sentido que ALBERTI (2010) nos orienta:

[...] Podemos dizer que uma entrevista de História oral é, ao mesmo tempo, um relato de ações passadas e um resíduo de ações desencadeadas na própria entrevista. Com uma diferença, é claro: enquanto na autobiografia há apenas um autor, na entrevista de História oral há no mínimo dois autores – o entrevistado e o entrevistador. Mesmo que o entrevistador fale pouco, para permitir ao entrevistado narrar suas experiências, a entrevista que ele conduz é parte de seu próprio relato – científico, acadêmico, político, etc.- sobre ações passadas e, também de suas ações. (ALBERTI, 2010, p. 169)

Os interesses do entrevistador, suas experiências, seu modo de perceber determinados temas, podem sim aparecer nas suas entrevistas. No entanto, o fato de poder registrar as narrativas, os sentimentos e as memórias dos homens, é algo fascinante, pois ao passo em que, o entrevistado assume a condição de narrador e escritor, ele está compartilhando a sensação do fazer História.

Apesar de algumas pessoas terem se recusado de participar das entrevistas por vários motivos, entre eles por timidez em ter que falar diante de um gravador e por não aceitarem de bom grado a inserção de suas companheiras na profissão em

que ela se encontra, desempenha. Enfim, existem várias dificuldades em se trabalhar com esta fonte. Mas, trabalhar com História Oral, enquanto metodologia de pesquisa foi uma experiência muito positiva, pois foi um momento de muita aprendizagem, de ter contato direto com as histórias de vidas de nossos entrevistados, bem como, de nos emocionar com seus depoimentos de dificuldades e superação.

O fato de todos da comunidade me conhecerem me facilitou o primeiro passo que foi a seleção e o contato com os depoentes. Alguns ficaram tão à vontade, que me fizeram confissões particulares, de modo que precisei utilizar codinomes para preservar a identidade dos nossos entrevistados. Ouvir a história de vida de algumas mulheres, não podemos negar, foi muito emocionante e, de certa forma, nos serviu até de incentivo.

Em suma, trabalhar com a História Oral foi algo realmente muito encantador, inovador e enriquecedor. Experiência singular que todo pesquisador deveria experimentar. Ouvir histórias de vida de pessoas comuns e através delas poder escrever, construir uma narrativa própria, poder dar visibilidade a estas pessoas, é algo muito interessante. Como diria DELGADO (2010, p. 20) “ouvir histórias de vida é também compartilhar o fazer história e contribuir para a interação entre a experiência pessoal e o fim intrincado da história coletiva”.

É ter a possibilidade de questionar criticamente teorias macrossociológicas sobre o passado; desconstruir interpretações generalizantes de determinados acontecimentos; duvidar de ideias determinantes, tudo isso, é algo fascinante e inovador que se tornou possível graças a utilização da História oral enquanto metodologia e fonte de pesquisa.

A História oral pode ser útil não apenas no campo da História, por ser uma metodologia interdisciplinar, ela pode ser aplicada em diversas disciplinas das Ciências Humanas, bem como, também nas mais distintas áreas do conhecimento. Recorre à memória como fonte indispensável, tendo em vista que é ela que subsidia e nutre as narrativas que irão constituir a fonte histórica produzida.

O presente trabalho está organizado em uma introdução e dois capítulos divididos na seguinte forma: No segundo capítulo intitulado, *A invenção de um ser feminino*, iremos abordar a criação do padrão de feminilidade pelas elites dominantes. Discorreremos, inicialmente, sobre a propagação e a aceitação deste

discurso que se pretendia natural e universal. Em seguida analisaremos o desenvolvimento da divisão sexista no âmbito do trabalho.

No terceiro capítulo denominado *“Trabalhando em serviços de homens”*: *Mulheres do Estreito e os estigmas que carregam em seus corpos*, iremos apresentar o Estreito, suas características, suas tradições, costumes e valores dos seus habitantes. No segundo momento deste capítulo, a partir das narrativas dos nossos entrevistados, enfatizaremos a história de vida de algumas mulheres dessa Comunidade, cujas vidas são exemplos dos (des) compassos vivenciados por inúmeras mulheres que ousam questionar e ultrapassar os limites a elas impostos pelas sociedades.

## **2. A invenção de um ser feminino**

Abordaremos sobre a invenção do padrão de feminilidade construído e propagado pelas mais distintas formas de poderes, sua aceitação, internalização, naturalização. Bem como, mostraremos, as vozes que ousaram questionar e romper com este discurso que se pretendia universal e absoluto quebrando as barreiras que separavam o masculino do feminino.

### **2.1 A aceitação e a naturalização de uma “essência feminina”**

No contexto da sociedade brasileira e campinense como um todo, muitas mulheres cotidianamente se levantam cedo para desenvolverem suas atividades trabalhistas, suas atividades diárias. No que se refere as mulheres da comunidade do Estreito acordar cedo, se arrumar, fazer o café e tomá-lo na companhia do esposo e dos filhos ou mesmo sozinhas, pegar ônibus e enfrentar o cansaço de uma jornada de trabalho faz parte da rotina dessas mulheres e mostra o perfil dessas mulheres como tantas outras, também, que são mulheres lutadoras, que desafiam o próprio cotidiano .

SOIHET (2011) diz que a partir de 1890 até aproximadamente os anos 20 do século XX, depois que os populares passaram de um trabalho compulsório para um trabalho livre, seus hábitos começaram a ganhar especial atenção pela elite dominante que, neste momento, sonhava em transformar suas capitais em metrópoles e, para isso, precisavam investir em projetos de modernização e de higienização inspirados em Paris.

Para concretizar seus objetivos, a burguesia assumiu a missão de transmitir seus valores e maneiras comportamentais aos populares e, para tanto, eles utilizariam o espaço e o tempo do trabalho para impor-lhe, através da disciplina estes valores que se estenderiam não apenas ao universo do trabalho, mas a todas as esferas da vida, no âmbito pessoal, profissional, organização familiar, entre outros, de modo que as pessoas das camadas populares internalizassem e naturalizassem estes valores às suas rotinas e práticas cotidianas. Comungando dessa mesma ideia RAGO diz:

Instituir hábitos moralizados, costumes regrados, em contraposição às práticas populares promíscuas e anti-higiênicas observadas no interior da habitação operária, na lógica do poder significava revelar ao pobre o modelo de organização familiar a seguir. Nesta utopia reformadora, a superação da luta de classes passava pela desodorização do espaço privado do trabalhador de duplo modo: tanto pela designação da forma de moradia popular, quanto pela higienização dos papéis sociais representados no interior do espaço doméstico que se pretendia fundar. A família nuclear, reservada, voltada sobre si mesma, instalada numa habitação aconchegante deveria exercer uma sedução no espírito do trabalhador, integrando-o ao universo dos valores dominantes. (RAGO, 1997, p. 61).

Vemos então que a burguesia pretendia eliminar as diferenças, normatizar o Outro, ou seja, sua propositura era que a classe pobre operária seguisse os mesmos valores da sociedade burguesa, almejavam uma homogeneidade de costumes, valores e conduta. Esperava-se um novo comportamento dos populares, porém, foi sobre as mulheres que caiu o peso maior dessas novas mudanças. Delas esperavam um comportamento dócil, amável, recatado. Criou-se um verdadeiro modelo do que é ser mulher.

Adjetivos como passiva, zelosa, responsável, moralidade, paciente deveriam compor o novo jeito de ser mulher. Seus maiores desejos não poderiam ser outros que não, casar e ser mãe. É nesse sentido que referenciamos a fala de RAGO (1997), quando ela diz:

A promoção de um novo modelo de feminilidade, a esposa-dona-de-casa-mãe-de-família, e uma preocupação especial com a infância, percebida como riqueza em potencial da nação, construíram as peças mestras deste jogo de agenciamento das relações intra-familiares. À mulher cabia, agora, atentar para os mínimos detalhes da vida cotidiana de cada um dos membros da família, vigiar seus horários, estar a par de todos os pequenos fatos do dia-a-dia, prevenir a emergência de qualquer sinal da doença ou do desvio [...] (RAGO, 1997, p. 6).

Conforme SOIHET (2011), esse modelo normativo de mulher foi elaborado, inicialmente, para as mulheres burguesas em meados do século XIX, porém, gradativamente tentou-se expandir esse paradigma, também, para as mulheres pobres trabalhadoras. Compartilhando da ideia de que as atividades domésticas são de responsabilidades da mulher D. JANAINA (2013) fala como é sua rotina diária enquanto dona de casa:

Eu sempre acordo cedo, porque como meu esposo trabalha a noite e quando ele chega eu quero tá com o café já todo pronto, aí quando ele chega agente toma café e depois vamos assistir televisão, depois eu deixo ele um pouquinho e vou fazer as coisas de casa, fazer almoço, depois vou

ficar mais um pouquinho com ele também, aí almoço, tomo banho e vou trabalhar (D. JANAINA, 2013).

Nesta fala de Dona Janaina percebe-se o cuidado, o zelo que ela tem, e faz questão de demonstrar, pelo marido. Um exemplo de mulher-esposa-dona-de-casa, com valores e concepções tradicionais, onde além de cuidar de todas as tarefas domésticas sozinha, ela ainda organiza seus horários para dar atenção ao seu esposo.

Conforme PINSKY (2011), o modelo ideal de mulher aspirado pela elite burguesa apresentava-se a partir dos papéis femininos tradicionais em que a responsabilidade maior da mulher recaía sobre a esfera privada, da casa, do lar onde os afazeres domésticos eram de sua inteira incumbência.

Além de cuidar da casa, era atribuição da mulher, cuidar e zelar dos filhos e do marido, e tudo isso deveria ser feito com muito amor e doçura, afinal de contas era esta sua vocação, sua missão. E sua “natureza feminina” iria ajudá-la a bem desempenhar suas funções.

Durante muito tempo circulou a ideia de que o destino natural das mulheres era ser esposa, mãe e dona de casa. Na década de 50, em especial, havia uma crença muito grande de que a maternidade, o zelar pelo ambiente doméstico e o casamento faziam parte da essência feminina e que todas as mulheres ditas “normais” comungariam desta crença.

Como o casamento era um destino comum e esperado por todas as mulheres, conforme PINSKY (2011), o recato, a moral e as prendas domésticas, tais como lavar, cozinhar, costurar, bordar, passar, limpar a casa e outros mais, eram itens indispensáveis ao currículo de uma moça que pretendesse casar.

A ciência, na época, como portadora de um saber quase inquestionável, dizia o quanto era importante cuidar da limpeza da casa, da higiene do corpo para evitar doenças e manter o lar aconchegante. A modernização precisava de bons ares, de iluminação, higiene.

Além de concordar com alguns desses critérios é recorrente nos discursos de algumas mulheres do Estreito a ideia de que mulher casada deve comporta-se de maneira diferenciada das moças solteiras ou separadas. Como evidenciou em sua fala D. JANAINA:

Quando eu casei quando eu vou sair pra qualquer canto eu tenho que avisar a meu marido, porque agente deve respeito a pessoa que você vive junto com ele, a vida muda muito você não vai mais dormir fora de casa, você não vai mais pra festa com as amigas, tudo é com ele, a sua vida passa a só conviver com ele (D. JANAINA, 2013).

Esse posicionamento de Dona Janaina parece natural e comum entre as mulheres moradoras do Estreito, no entanto, todos estes discursos e papéis sociais foram fortemente reforçados na sociedade brasileira por inúmeros lugares, tais como: a ciência, a medicina, a psiquiatria, a Igreja, o Estado, jornais, revistas, literatura, enfim, vários foram os meios encontrados para se divulgar a ideia dos valores burgueses, em especial, ao papel social da mulher de família.

Conforme o discurso que circulou durante todo o século XIX e boa parte do século XX, ao homem era dado o dever de mantenedor das despesas da casa. Por ser ele o desbravador, forte, inteligente, racional, sua função era sair do espaço privado em busca de trabalho. E ela como frágil e submissa por natureza reservava-se ao espaço privado, doméstico. A rua era o lugar do perigo, dos desvios, das tentações, ou seja, lugar restrito dos homens.

E corroborando com este discurso, temos o depoimento de Dona Mariana, onde ela nos conta que depois de ter participado de um treinamento em uma empresa de Telemarketing e ter passado na seleção e nos testes, ela foi chamada pela empresa, para ocupar o cargo de supervisora. No entanto, deparou-se com o destempero de seu esposo, pois este a mandou optar entre o emprego e o casamento.

Ela muito transtornada, decepcionada e triste acabou deixando de lado essa possibilidade de ascensão profissional. No entanto, ela nos revela que depois que o conflito acalmou-se ela conversou com seu marido e ele acabou revelando-a o motivo para tal comportamento: Vejamos:

Meu filho me diga o que foi que aconteceu que você deu esse escândalo todinho, aí ele disse, mais minha filha, olhe só, preste atenção - bem educado- você vai trabalhar com esse povo novo, um mundo novo, pessoas diferentes, aí vai que você se encantasse. Você ia deixar essa vidinha pacata que você tem (D. MARIANA, 2013)

O comportamento do esposo de Dona Mariana retrata o medo que os homens sentem ao perceber suas esposas saindo de seu lugar de costume para irem

em busca de novos horizontes, de novas perspectivas e enveredar-se por caminhos novos que eles não tenham o domínio e o controle.

A medicina contribuiu de modo significativo para a formação desta mulher submissa, passiva e alienada. E educação dos filhos passa a ser exclusividade das mães. O discurso médico afirmará que existem características essenciais do menino e da menina, de modo que a natureza de cada um deve ser levada em consideração quanto ao modo de se educar. Vejamos o que diz AMARANTE apud RAGO (1997):

Da menina, em sua simplicidade cândida, o observador encontra feita uma análise completa de sua alma: grande sensibilidade, emotividade, facilidade de chorar e de rir, timidez e...faceirice desde os 5 anos. Como é bem diferente o menino. Sua fisionomia, seu olhar mais vivo, sua voz mais forte acusam já o caráter de mando que lhe domina os atos. Enquanto a menina em tudo manifesta sua aspiração a ser a rainha de um lar, o menino sonha visivelmente com sua liberdade (...) (RAGO, 1997, p.83).

Esse discurso foi tão fortemente difundido e repetido que acabou se naturalizando e aparecendo na concepção dos populares como sendo uma maneira certa e inquestionável. Atentamo-nos a fala de Dona Rosalina:

O modo de educar um homem não vai ser modo de educar uma mulher, por exemplo, você não vai deixar seu filho delicado e uma mulher ela tem que ser educada e delicada ao mesmo tempo, é uma coisa que deve ser tratada com mais calma, porque um homem é um homem, tem aquela parte assim, ele já nasce com aquele lado dele assim bruto (D. ROSALINA, 2013)

Pela visão de D. Rosalina, podemos perceber o quanto ainda existe de conservadorismo no Estreito. Educar um homem é diferente de educar uma mulher. Eis aí mais uma maneira de perpetuar um discurso que se pretende universal e inquestionável.

Médico italiano, LOMBROSO apud SOHET (2011) teve seus argumentos muito utilizados, principalmente, pela criminologia no final do século XIX, para respaldar os discursos dos advogados em casos de adultérios, pois segundo ele “as leis contra adultério só deveriam atingir a mulher não predisposta pela natureza para esse tipo de comportamento” (SOHET, 2011, p. 363). Neste caso percebemos o quanto a sexualidade feminina era vigiada e punida.

Para os discursos da época, os homens poderiam exercer sua sexualidade de forma livre e sem penalidades desde que não viessem atrapalhar sua relação familiar. Já as mulheres deveriam manter sua castidade, sua virgindade até o

casamento. Uma moça de família não usaria roupas sensuais ou ousadas, nem daria motivos para ser mal falada pela sociedade. Ela iria preservar suas virtudes, seu recato e sua boa reputação. A sexualidade feminina deveria restringir-se ao âmbito do matrimônio.

Esse discurso parece mostrar uma realidade que fica a muitos anos de distância dos nossos tempos, no entanto, percebemos na fala de Seu Antônio a predominância desse pensamento:

A mulher não é diferente do homem, mas ela deve se guardar mais, por que se ela não se guardar ela vai ficar desvalorizada moralmente. Quem vai querer que um filho que namore uma mulher que teve vários homens? Eu mesmo fugiria o máximo possível de mulheres que apresentasse esse tipo de perfil, eu sinceramente, não gostaria de me relacionar com este tipo de mulher. A não ser que houvesse um sentimento muito forte, mas sinceramente, eu sei que nem eu, nem ninguém queria (S. ANTONIO, 2013)

O depoente afirma que a mulher não é diferente do homem, porém, a pergunta que nos ronda é: como a mulher é igual ao homem em sua concepção, se ele mesmo afirmou em outro momento que uma mulher que tiver vários parceiros sexuais, nem ele nem outro homem iria querê-la? Não temos conhecimento dessa rejeição praticada pelas mulheres em relação aos homens, caso eles tenham tido várias experiências sexuais antes do matrimônio.

Os discursos religiosos tão poderosos e inquestionáveis também foram responsáveis pela transmissão dos valores tradicionais e por reforçar a construção do mito do amor materno. Conforme SANTANA (2008), aproveitando-se da imagem de Virgem Maria, a igreja comparava a missão de mãe com a própria missão de santidade, sacrifício, devoção e zelo pelo bem estar dos filhos. Sendo assim, as mulheres, mães, saberiam que todas as dificuldades que passassem para criar e educar seus filhos seriam recompensados, pois, sua função natural estaria sendo executada.

Podemos perceber através das falas de nossas entrevistadas que muitas delas, mesmo diante do exercício de suas atividades trabalhistas, de suas conquistas, algumas delas ainda apresentam aquele discurso de que ser mãe é renunciar aos prazeres da vida mundana para dedicar-se aos filhos, ao marido, a família. O discurso cristão propaga que o homem é a imagem e semelhança de

Deus, por isso a mulher deve aceitar sua posição de subordinada e alegrar-se por corresponder à imagem da Virgem Maria, mãe de Cristo.

Assim sendo, conforme SANTANA (2008), a Igreja se encarregou de reforçar o modelo de boa e santa mãe, valorizando o casamento, segundo as leis eclesiais, e protegia a sociedade de uma possível má conduta das mulheres. Vejamos o relato de vida que Dona Simone faz sobre seu casamento:

Embora eu vivesse em muitos conflitos e tempestades eu tinha na minha cabeça que já que agente casou era pra viver, era feio uma mulher separada na época, a família não queria, rejeitava, era o fim da picada, era uma coisa feia pra minha família, principalmente para minha mãe. Meu pai não me aceita, eu não tenho condição, eu não tenho profissão, eu não tenho nada, e como é que eu vou enfrentar o mundo sozinha, eu não sei nem o que é o mundo. Eu não tinha motivos pra deixar ele, aí o que aconteceu eu vou trabalhar com outra hipótese pra minha vida, eu vou trabalhar assim, eu vou ter meus filhos. Eu estava arrependida até os ossos com aquele casamento, tava tão arrependida que dava vontade de morrer, de desesperar. Aí me pus de joelhos a orar e pedi ao senhor que me desse quatro filhos e em minha oração eu disse que se ele me desse essa graça eu podia passar o que passasse que eu não ia abandonar eles. Eu não tinha outra saída, então resolvi aceitar meu destino, fui ter filhos e foi isso que me fez suportar o peso do meu casamento (D. SIMONE, 2013).

Assim como a Igreja, o Estado também valorizava o casamento. A partir da laicização da República Federativa do Brasil, o Estado tomou para si a responsabilidade de tutor da família. Ele utiliza-se da cientificidade e passa a investir no “casamento legal” que irá garantir, amparar e estruturar, socialmente, as famílias, e de modo especial, as das classes populares. O estado defende o sexo no âmbito do matrimônio, agora como união normalizada e civilizada. Neste sentido vejamos o que diz CAVALCANTI (2000):

A laicização do sexo transfere do julgamento da igreja para o Estado burguês. Com isso, ao mesmo tempo em que o sexo torna-se uma questão de “polícia”, irá também engendrar disputa pública entre os indivíduos e o Estado. (CAVALCANTI apud SANTANA, 2008, p.37).

Percebemos então que o Estado assim como a igreja reprimia e tentava adestrar as condutas morais da sociedade. Através das novas leis, códigos e da rigorosa disciplina o Estado assumiu um papel de moralizador dos bons costumes ao mesmo tempo em que passou também a punir em forma da lei aos transgressores da ordem.

## 2.2 As vozes que ousaram se levantar contra um discurso “naturalizado”

Vimos que Ciência, Medicina, Revista, Igreja, Estado, Psiquiatria, enfim, várias vozes de poderes distintos contribuíram para difundir, construir, reproduzir e naturalizar na sociedade brasileira do final do século XIX e XX os valores dos grupos de elite. Não podemos deixar de refletir sobre a eficácia desse discurso que se pretendia absoluto e inquestionável. Sabemos da força e do poder de tal discurso, no entanto não podemos deixar de registrar que na sociedade brasileira, esses valores burgueses não foram introjetados de forma igualitária e homogênea por todas as classes e gêneros. As mulheres, principalmente as das camadas populares que precisavam trabalhar para ajudar ou mesmo manter suas famílias sozinhas, não tinham como seguir a risca o comportamento esperado por este grupo dominante. Não poderiam ficar em casa a cuidar exclusivamente do lar e dos filhos, pois, as suas condições financeiras as obrigavam a sair de seus lares em busca de emprego.

Grupos feministas e anarquistas contemporâneas a disseminação desses discursos dos valores elitistas, recusaram-se a seguir este modo de “ser” imposto pelo poder. De acordo com RAGO (1997), a imprensa anarquista teve destaque em discutir temas como a condição de opressão da mulher. Para este grupo não só as mulheres operárias eram oprimidas, as burguesas também eram. É nesse sentido que mulheres como Maria Lacerda de Moura, Matilde Magrassi, Maria de Oliveira, Tibi, Josefina Stefani Bertacchi, Maria S. Soares, escreveram e assinaram vários artigos nos jornais libertários que traziam discussões sobre o mito da mulher sombra do homem, passiva, sentimento, emotividade e fizeram surgir outra figura feminina, que representava a força, o combate, a independência, a luta pela transformação de sua realidade cotidiana.

Um exemplo destas vozes que se levantaram contra estes discursos dominantes foi Maria Lacerda de Moura quando esta criticou as concepções de vários especialistas sobre a inferioridade biológica da mulher. Vejamos o que ela diz:

Eu não discuto com um homem apenas, com o Sr. Bombarda (médico português, MR), com Lombroso ou Ferri: protesto contra a opinião antifeminista de que a mulher nasceu exclusivamente para ser mãe, para o lar, para brincar com homem, para diverti-lo (MOURA apud RAGO, 1997, p.97).

Fica claro a partir de sua fala que ela tenta combater não apenas os discursos médicos e científicos que diziam ser a mulher inferior biologicamente ao homem. O seu combate diz respeito, também, a toda forma de opressão que se pretende exercer sobre as mulheres.

Essa luta no combate contra as formas de opressão desencadeada contra as mulheres nos faz lembrar o esforço das feministas em trazer para o fazer historiográfico, temas femininos, tais: como as histórias das vidas privadas, sexualidade, feitiçaria, família, trabalho informal, enfim, conforme RAGO (2000), o feminismo desafiou as hierarquias sexuais e sociais tradicionais.

Segundo PEDRO (2005), nos anos oitenta, os movimentos feministas passaram a utilizar a palavra “gênero” apenas com o objetivo de substituir a palavra “sexo” por entenderem que a diferença existente entre os comportamentos masculinos e femininos dependia de fatores socioculturais, ou seja, do gênero e não do sexo, enquanto aspectos biológicos e naturais, mas sim do gênero, enquanto aspectos socioculturais.

Entendendo gênero como “elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre o sexo, e como uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 21). Neste sentido podemos dizer que o que interessa a ela não é a simples existência das diferenças, mas como se construíram esses significados culturais para essas diferenças. Ela pretende desconstruir a oposição universal entre homem e mulher.

Mas do que inserir as mulheres nas discussões historiográficas, trabalhar com gênero é ter a possibilidade de nos aprofundar das construções de sentidos sobre homens e mulheres; é poder transformar estes lugares fixos, definidos e naturalizados em questões. E mais do que uma categoria útil para a análise histórica não podemos esquecer ainda que “o uso da palavra gênero tem uma trajetória que acompanha a luta por direitos civis, direitos humanos, enfim, igualdade e respeito” (PEDRO, 2005, p. 78).

Segundo RAGO (1997) não apenas Maria Lacerda de Moura como os demais simpatizantes de tendências libertárias defendiam a instrução como uma arma privilegiada de libertação, bem como questionavam a ideia de que a mulher é apenas sentimento, emoção, passividade, ou seja, recusavam-se a aceitar este modelo de feminilidade instituído pelo imaginário social.

O discurso anarquista não se limitava a difundir apenas a opressão operária, ele procurava revelar a condição de sujeição que as mulheres de todas as classes sofriam, por isso propunham a todas que se preparassem intelectualmente para poder concorrer com os homens.

Para os anarquistas as mulheres deveriam questionar suas relações não só no âmbito fabril, como também, e, principalmente, no interior da família e nas relações cotidianas. A luta das mulheres não deve ser apenas por aspirações de participarem da esfera pública, mas, principalmente, por libertarem-se da ordem moral imposta pelo modelo burguês e masculino.

Talvez possa parecer um exemplo simples, no entanto, para Dona Mariana ter a colaboração do esposo nas atividades domésticas foi uma grande conquista, tendo em vista que logo quando eles se casaram toda a responsabilidade do lar era dela. Vejamos como ela conta este processo:

Hoje eu recebo muito a sua colaboração, ele faz tudo, na cozinha ele é muito melhor do que eu, que vale salientar, enquanto eu sou um desastre. Mas antes, logo quando casamos eu fazia tudo sozinha, eu trabalhava dois horários, mas mesmo assim quando eu chegava tinha que me virar sozinha, pois ele era de um jeito que quando desse 11:30 ele não queria nem saber o que aconteceu, queria que a mesa estivesse posta, pois mesmo se a comida estivesse pronta mas se tivesse no fogão ele não colocava no prato (D. MARIANA, 2013).

Conseguir a colaboração do esposo nas atividades doméstica é uma grande conquista na vida dessas mulheres, pois isso significa menos trabalho e menos desigualdades de gênero.

Vários foram os discursos que pretendiam formar e naturalizar uma moral burguesa que deveria ser seguida por todas as mulheres indistintamente, porém, ao longo do processo histórico veremos que nem sempre o curso da história das mulheres se desenrolou de acordo com o desejo dos grupos dominantes. Vejamos o que diz FONSECA (2011) a respeito dessa questão:

A norma oficial ditava que a mulher devia ser resguardada em casa, se ocupando dos afazeres domésticos, enquanto os homens asseguravam o sustento da família trabalhando no espaço da rua. Longe de retratar a realidade, tratava-se de um estereótipo calcado nos valores da elite colonial [...] que servia como instrumento ideológico para marcar a distinção entre as burguesas e as pobres. Basta aproximar-se da realidade de outrora para constatar que as mulheres pobres sempre trabalharam fora de casa. Com a industrialização, chegaram, junto com as crianças, a compor mais da

metade da força de trabalho em certas indústrias, notadamente nas de tecidos [...] (FONSECA, 2011, p. 517).

Neste sentido, fica evidente que nem todas as normas de moralismo impostas pela classe dominante poderiam ser obedecidas, tendo em vista que não existia, assim como não existe, uma única realidade de vida para todas as mulheres, bem como, também, não pode existir um modelo único de ser mulher que possa ser aceito por todas as mulheres indiscutivelmente. Suas realidades sociais, culturais, econômicas, étnicas, políticas devem ser levadas em consideração.

As mulheres pobres enfrentavam uma dura realidade, pois, elas também eram cercadas por esta ideologia moralista dominante em que o “lugar da mulher” era o espaço doméstico e suas atividades deveriam ser realizadas no campo privado, girando em torno do bem estar dos seus filhos e marido.

No entanto, diante da realidade financeira de sua família, pelo salário miserável de seu pai ou esposo, elas, na tentativa de escapar da miséria, arriscavam-se a sofrerem os preconceitos e receberem rótulos pejorativos de “mulher pública”, e iam em busca de trabalho.

Como se não bastasse o peso da labuta diária enfrentada por elas no âmbito do trabalho assalariado, as mulheres ainda tinham que zelar pela sua boa reputação. O trabalho feminino era muito mal visto pela elite social e machista da época que acreditavam que toda e qualquer atividade que se desenvolvesse fora do âmbito doméstico representava um risco ao seu “papel de mulher”, pois, poderia afastá-las da vida familiar, dos deveres domésticos, da pureza do lar e, até mesmo, da alegria da maternidade. De acordo com RAGO (2011) baseado no Jornal Operário, em 29 de julho de 1929.

O papel de uma mãe não consiste em abandonar seus filhos em casa e ir para a fábrica trabalhar, pois tal abandono origina muitas vezes consequências lamentáveis, quando melhor seria que somente o homem procurasse produzir de forma a prover as necessidades do lar. (RAGO, 2011, p.585).

Percebe-se nesta fala a reprodução do discurso moralista, disciplinar, que reforça os valores dominantes ao mesmo tempo em que caracteriza a mulher como submissa, indefesa, frágil, onde a maternidade se sobressai sobre qualquer outra característica feminina.

Independente da classe social a que pertencesse, eram vários os obstáculos para tentar impedir o seu acesso feminino ao mundo público. Não só as mulheres pertencentes às camadas populares eram vítimas do moralismo machista e elitista. Conforme RAGO (2011), vários empecilhos como a intimidação física, desqualificação intelectual, assédio sexual, variação salarial, todos contribuíam para atrapalhar a saída das mulheres do lar para ocupar os lugares “naturalmente masculinos”.

A família, principalmente as mais abastadas, também teve sua importância para manter as mulheres fora do campo do trabalho, pois, muitos pais desejavam que suas filhas encontrassem um “bom partido” que lhe oferecesse segurança financeira no futuro, sem que estas precisassem trabalhar, mesmo que estas não fossem aspirações das próprias mulheres. Essa realidade aparece no discurso de D. GORETE (2013):

Os pais criam os filhos querendo mantê-los sempre debaixo das asas, e quando eu fui trabalhar encontrei muita resistência e oposição da parte dos meus pais, pois eles não queriam que eu fosse trabalhar em casa de família, tanto por acharem um emprego desvalorizado, como também porque esperavam que eu casasse logo e tivesse filhos. Como casar seria o normal, mulher não era para trabalhar fora, mulher é pra ficar em casa tomando conta da casa e dos filhos. Logo eles queriam que eu arrumasse um homem que tivesse posses pra me sustentar sem que eu precisasse trabalhar (D. GORETE, 2013).

Eis aqui uma representação das aspirações do século XX que ainda se fazem sentir na comunidade do Estreito. Parece uma realidade distante, mas na verdade ainda existem muitos ranços deste pensamento conservador, protetor e machista na atualidade.

De acordo com SILVA (2011), o processo de modernização da agricultura ocorrido no Brasil por volta das décadas de 50 e 60 desencadeou o processo de êxodo dos trabalhadores residentes nas fazendas para as cidades. O chamado êxodo rural.

Morar na cidade significava não apenas ter contato com o urbano, o civilizado, o higiênico representava, também, a perda da roça de subsistência e da indústria doméstica. Junto a estas perdas acrescentam-se novos gastos com aluguel, transporte, água, energia, entre outros, e o pior é que o salário não acompanhou

estas novas despesas. Neste sentido, a vida desta população foi se desenhando num cenário de extrema pobreza.

Esta nova realidade de vida faz surgir, também, transformações no interior das famílias, pois anteriormente a esta modernização da agricultura, o trabalho era familiar, ou seja, o chefe da família era quem se responsabilizava pelo contrato do trabalho, agora não mais, sua relação de pai-marido-patrão perdeu o lugar para o trabalho individualizado. A partir deste novo contexto o trabalho feminino agrícola foi sendo redefinido. Conforme SILVA (2011), as mulheres passaram a vender diretamente sua força de trabalho ao mercado num intenso processo de exploração e dominação.

A saída destas mulheres de suas casas representou em suas vidas inúmeras transformações, entre elas sua independência econômica. Todavia, esta independência econômica não significava dizer que as desigualdades sociais entre homens e mulheres haviam acabado. Todo o imaginário, linguagem, ideias e representações sociais continuaram a discriminar as mulheres.

E esta nova realidade de trabalho tornou apenas mais visível estas desigualdades entre homens e mulheres, bem como acentuou ainda mais as discriminações em relação às mulheres. SILVA (2011) diz que ficou mais evidente o preconceito em relação ao trabalho feminino na medida em que elas recebem pagamento muito inferior aos dos homens pelo mesmo tipo de serviço, o número de registro na carteira de trabalho é muito menos frequente entre elas e a frequência dos assédios sexuais cometidos pelos superiores (empreiteiros, feitores, agentes de controle do trabalho).

A mulher rural ganha, também, uma dupla jornada de trabalho, pois o discurso dominante continua pregando que os afazeres domésticos são de responsabilidade das mulheres. Então mesmo que elas estejam ajudando o homem a cumprir o seu dever de mantenedor das despesas da casa, ela deve continuar a desempenhar o seu papel de dona de casa.

Sendo assim, após longas horas de jornadas de trabalho assalariado, elas se deparam com a dura e impiedosa realidade de ter que cozinhar, lavar, passar, limpar a casa, cuidar dos filhos e, isso tudo, muitas vezes sozinhas, pois, em muitos casos os maridos as abandonam com todas estas responsabilidades a assumirem. Vejamos bem o retrato desta dura realidade apresentado por SILVA:

[...]Levantam-se, em geral, às 4h da manhã, preparam a comida para elas e os demais membros da família que trabalham fora e também para os que ficam na casa. Às 6h, pegam o caminhão ou ônibus para uma jornada de trabalho de nove a dez horas, inclusive aos sábados. Ao chegarem a casa, por volta das 18h ou 19h, ainda vão prepara o jantar, lavar roupa, limpar a casa e cuidar dos filhos [...]Nunca dormem mais do que seis horas por dia. Aos domingos, dedicam-se às tarefas domésticas. Raramente, sobra-lhes tempo para o lazer (SILVA, 2011, p. 564).

Esta difícil realidade de vida enfrentada por diversas trabalhadoras brasileiras faz o discurso dominante que prega a fragilidade feminina como essência de feminilidade cair por terra. Estas mulheres enquanto trabalhadoras enfrentam um duro fardo de um trabalho desvalorizado e mal remunerado, executam inúmeras tarefas domésticas que não são sequer consideradas como trabalho.

E como se não bastasse todo este peso, muitas ainda são vítimas de violência doméstica pelos seus próprios maridos, revoltados e frustrados por não conseguirem exercer sua função de provedor da família.

Discriminação, exploração, preconceitos, estigmas, assédio sexual, violência doméstica, dupla jornada de trabalho, é verdade que tudo isso fez parte da dura realidade que milhares de trabalhadoras brasileiras tiveram que enfrentar e, por vezes, ainda enfrentam, para poder fazer parte deste universo até então tido como “masculino”. No entanto, suas lutas ativas e constantes através dos sindicatos e Movimentos de Trabalhadoras, sem dúvida, contribuíram decisivamente para as melhorias trabalhistas.

Entre os vários movimentos sociais que surgiram nos anos sessenta, o feminismo teve grande importância enquanto crítica teórica como também enquanto movimento social que levanta uma bandeira política. Além de questionar a oposição binária existente entre homens e mulheres, o feminismo, contribuiu, e muito, para levantar questões antes consideradas normais como o espaço “de dentro”, “do privado”, “do doméstico” para as mulheres diferentemente do espaço reservado aos homens.

Mais do que levantar questões sobre temas, até então, considerados naturais e universalizantes, o movimento feminista inseriu temas como a família, a sexualidade e o trabalho doméstico na contestação política. Conforme HALL (2011), “O Slogan do feminismo era: “o pessoal é político”. Além de problematizar as

relações sociais que oprimiam as mulheres, as feministas propiciaram inúmeras transformações, vejamos o destaque que GIULANI (2011) faz sobre o feminismo:

A eclosão do feminismo nos anos 70 iniciou mudanças profundas nas relações de gênero. O feminismo denunciou a desigualdade contra as relações de gênero baseadas na dominação *versus* submissão e mostrou que ela não é natural, mas construída cultural e historicamente, revelou o duro cotidiano vivido por milhares de mulheres e tocou fundo em temas que incomodaram os valores estabelecidos: a violência sexual, a violência doméstica, o direito à opção a ter ou não filhos, o direito ao prazer. Mais ágil que o sindicalismo, o feminismo desnudou a realidade das mulheres trabalhadoras. Deu-lhes visibilidade e apontou a aliança entre exploração de classe e opressão de sexo, salários menores, dupla jornada, falta de profissionalização, falta de creche [...] (GIULANI, apud O Cruzeiro, 2011, p.650)

Além de reivindicações políticas, as feministas lutaram também por direitos sociais. Vários anos se passaram e com eles inúmeras mudanças de cunho moral, cultural e social, bem como mudanças no campo do trabalho se fazem sentir. Não foi fácil, e talvez ainda hoje não seja, a realidade de muitas trabalhadoras, porém, são inegáveis as inúmeras conquistas alcançadas pelas mulheres em diversos campos, inclusive no trabalho.

Ainda há muito a ser conquistado, reivindicado, repensado, questionado, como, por exemplo: Até que ponto esses valores morais criados e impostos pela classe dominante influenciam ainda hoje o imaginário social na contemporaneidade, e contribui para as desigualdades nas relações de gênero?

Compreendemos que os “lugares” de homens e de mulheres são construções sociais elitista. Podemos refletir e analisar na sociedade atual a presença e a permanência de tais valores. Bem como observamos as rupturas e ressignificações de tais discursos nas práticas de vida e no cotidiano da sociedade brasileira, em especial, entre as moradoras do Estreito que atuam em trabalhos urbanos.

### **2.3 Divisão sexista de trabalho: A sobrecarga recai sobre as mulheres**

A partir dos estudos de BARBOSA (2011), percebemos que em todas as sociedades as mulheres trabalharam, desenvolvendo as mais distintas tarefas no meio doméstico, ou seja, no espaço privado, leia-se aqui trabalho exercido em grande maioria por mulheres, trabalho não produtivo, gratuito.

Afazeres minuciosos e repetitivos, tais como: lavar, cozinhar, limpar, cuidar da casa, dos alimentos, das crianças, dos idosos e doentes são, historicamente, funções tipicamente, ou “naturalmente” desenvolvidas pelas mulheres. Com o advento da industrialização, as mulheres passaram a compor o quadro operário das fábricas, exercendo um trabalho produtivo e assalariado. São inegáveis as grandes conquistas alcançadas pelas mulheres, no entanto, conforme PENA (1981), RAGO (1997) e PERROT (2010) ainda existem muitas discriminações exercidas sobre as mulheres em vários âmbitos, sejam eles familiares, profissionais, social e cultural.

As mulheres passaram a trabalhar de forma assalariadas, contribuindo com as despesas da casa e, até mesmo sozinhas, começam a assumir as responsabilidades financeiras e a criar seus filhos. Mas podemos nos perguntar, se as mulheres passaram a ocupar um posto que historicamente era destinado, exclusivamente, aos homens, quem então passou a desenvolver as atividades não remuneradas, as desenvolvidas no âmbito doméstico, que eram exclusivamente femininas?

Diante de um machismo acentuado, de um conservadorismo patriarcal e de um sistema econômico, político e social falocrático, essas atribuições continuaram a ser desempenhadas pelas mulheres que apesar de terem ganhado mais liberdade e autonomia, adquiriram também uma dupla e árdua jornada de trabalho. Elas passaram a sofrer agora uma dupla opressão, de classe e de gênero.

Partindo desta concepção, temos que apesar dos vários avanços conquistados pelas mulheres, infelizmente, ainda há muitos estigmas que naturalizam o lugar e a atuação da mulher na esfera privada.

Embora as mulheres tenham saído do lar em busca de melhores condições de vida, de autonomia, de liberdade, independência, percebemos, também, o seu retorno à esfera privada. Torna-se protagonista ao adentrar no mundo público do trabalho assalariado ao mesmo tempo em que reforça e legitima a restrição de papéis a elas impostos socialmente.

BARBOSA (2011), diz que elementos como o afeto, o cuidado, o tempo inesgotável, a servidão, a gratuidade são qualidades específicas implícitas nos trabalhos domésticos e que dificultam muito a saída das mulheres do mundo privado e das amarras da opressão patriarcal que exploram seus trabalhos e as aprisionam em seus lares.

Conforme SANTOS (2012), enquanto os trabalhos domésticos realizados pelas mulheres gratuitamente em benefícios aos demais membros da família, é visto apenas como obrigação do sexo feminino, os trabalhos remunerados executados por elas são ditos e caracterizados por seus companheiros e até por elas mesmas como sendo apenas “uma ajuda ao marido”.

### **3. “Trabalhando em serviços de homens”: Mulheres do Estreito e os estigmas que carregam em seus corpos.**

Neste capítulo discutiremos sobre as trajetórias de vidas das mulheres do Estreito mostrando seus cotidianos, seu mundo do trabalho, no contexto familiar, no entorno da comunidade. Nesta abordagem também trazemos depoimentos de homens falando sobre essas mulheres e sobre os trabalhos que elas desenvolvem dentro e fora da comunidade. Falar sobre as mulheres do Estreito é falar, muitas vezes, de histórias das sensibilidades, das subjetividades e individualidades.

#### **3.1 Breve abordagem sobre a comunidade do Estreito**

Comunidade rural localizada a 16 km do centro da cidade de Campina Grande do Estado da Paraíba, o Estreito geograficamente faz divisa com as comunidades do Sítio Lucas, Sítio Cajazeiras, Aragão e Logradouro. Tem aproximadamente 400 famílias.

A origem do nome Estreito deve-se ao fato de que há muitos anos quando o número de habitantes dessa comunidade ainda era bem reduzido, o único caminho que dava acesso ao lugar era um corredor de aveloz (arbusto que pode atingir até 3 metros de altura, possui ramos verticilados, cilíndricos, extremamente ramificado, com coloração verde) bem estreito.

Na comunidade há duas escolas, uma municipal a Escola Municipal Nossa Senhora do Perpétuo Socorro que atende as crianças das séries iniciais até o 5º ano do fundamental I nos turnos da manhã e tarde, e uma estadual a Escola Walnyza Borborema Cunha Lima, que funciona os três turnos e atende as crianças e adolescentes do 6º ano do ensino fundamental II ao 3º ano do ensino médio, incluindo a educação para jovens e adultos no turno da noite. É a única escola de todo o distrito que tem um ginásio de esportes.

Figura 1.



Fonte: arquivo pessoal, Maria José Soares

A fotografia acima registra um dos momentos de interação da Escola Estadual e a comunidade do Estreito. As mostras pedagógicas assim como outros eventos e projetos abertos ao público, também, são momentos de sociabilidade entre os moradores.

Figura 2.



Fonte: arquivo pessoal, Maria José Soares

A figura 2 retrata a Escola Municipal em um dos seus momentos de apresentação dos alunos para a comunidade. Assim como a Escola Estadual, a Municipal também desenvolve eventos e projetos que visam à participação comunitária.

Há duas igrejas, uma católica a Igreja Nossa Senhora das Dores, fundada em 1990 e a igreja evangélica o Templo Congregacional, liderada pelo Pastor Roberto. A igreja católica sedia os encontros pastorais e os encontros de formação religiosa para os animadores de todo o Distrito de Catolé de Boa Vista sob o comando do Padre Gleidmar (da ordem Diocesana) há 3 anos. É tradição da comunidade organizar a Festa da Padroeira Nossa Senhora das Dores. As festividades religiosas ocorrem todos os anos no mês de Setembro onde além de haver as celebrações religiosas há, também, a parte profana como as quermesses, pescaria, pavilhões e os desfiles dos cordões azul e vermelho.

Figura 3.



Fonte: arquivo pessoal, Maria José Soares

A imagem acima mostra um dos momentos mais fortes da Igreja católica da comunidade. Missa campal durante os festejos da padroeira Nossa Senhora das

Dores. A procissão religiosa faz parte da tradição da comunidade. Todos os anos esse rito marca o encerramento dos festejos da padroeira.

A igreja evangélica nos últimos anos tem ganhado bastante seguidores pelo trabalho de evangelização continuada, desenvolvida pelo pastor e seus colaboradores. Nessa igreja também se realiza bastante encontros religiosos e recebem igrejas convidadas.

Figura 4.



Fonte: arquivo pessoal, Maria José Soares

Nesta fotografia temos o registro de uma das ações desenvolvidas pela igreja evangélica no sentido de promover um momento de partilhar da palavra com a comunidade ao mesmo tempo em que comemora o dia das crianças.

Assim como as escolas, e as igrejas, o posto médico do Estreito atende a comunidade do Aragão. Essa unidade de saúde não é uma das melhores, pois, só tem três dias de atendimento médico por semana, frequentemente falta médico ecostumeiramente falta material para os dentistas trabalharem. Em virtude disso, frequentemente os moradores procuram atendimento médico nos hospitais da cidade de Campina Grande.

Como lazer a comunidade disponibiliza apenas do ginásio de esporte que é aberto ao público. Tem alguns bares e duas pequenas pastelarias. Lembrando ainda que os bares são freqüentados apenas por homens e pelas mulheres “do mundo”.

Há ainda um campo de futebol, mas encontra-se em péssimas condições, pois, não há sequer uma árvore que ofereça sombra aos seus torcedores. O time do Estreito é o Atlético e seu maior rival é time do Flamengo da comunidade do Lucas. O campo é outro lugar restrito aos homens, já que pela visão dos moradores da comunidade, “mulher direita” deve evitar frequentar tais ambientes.

A época do ano de mais animação e participação de homens e mulheres em momentos de lazer se dá nos festejos juninos que não são poucos no Estreito. As festividades juninas são organizadas pelas duas escolas, pelo clube de Mães, pelas igrejas enfim. São muitas apresentações de quadrilhas no ginásio de esporte, mas a principal atração é a apresentação da quadrilha da comunidade, onde quase todos os membros são moradores do lugar. Todos dançam, brincam, se divertem. Desde o início do mês de junho até meados de julho.

Figura 5.



Fonte: arquivo pessoal, Maria José Soares

Esta imagem mostra uma apresentação da Quadrilha Arraiá da Juventude. Quadrilha esta composta por jovens do Estreito. Este evento junino é aberto ao público e também faz parte das tradições da comunidade.

A maior disputa política ocorre há bastante tempo entre os Deputados estaduais Manoel Ludgério e Guilherme Almeida e seus aliados políticos. Nos períodos eleitorais a comunidade perde a unidade. As casas são adesivadas e as famílias brigam entre si. É muito forte na comunidade o espírito de competição entre os partidos do PMDB e do PSDB.

Fundado desde 2002 o Clube de Mães Nair Pereira de Lima sedia vários encontros. Lá são realizadas reuniões mensais, serve de ponto de entrega de alguns programas sociais e funciona esporadicamente alguns cursos profissionalizantes e palestras educativas. Além de ser utilizado como sala de aula para o Programa Brasil Alfabetizado.

Figura 6.



Fonte: arquivo pessoal, Maria José Soares

O registro acima faz menção a um dos momentos de grande sociabilidade, descontração, momento de lazer e espaço de discutir sobre os problemas da comunidade. Temos aí a imagem de uma reunião do Clube de Mães Nair Pereira de Lima, do Estreito. Realizado fora de sua sede, pois somente há poucos anos a

entidade construiu sua sede. Antes as reuniões aconteciam no ginásio de esportes da Escola Estadual.

A estrada que dá acesso ao lugar é uma estrada de chão, que felizmente em fevereiro deste ano teve sua ordem de serviço assinada e autorizada pelo então governador do Estado Ricardo Coutinho. Ou seja, a estrada será asfaltada do Jardim Verdejante até o Distrito de Catolé de Boa Vista.

Embora tenha água saneada em todas as casas, muitas famílias sofrem com a constante falta de água, especificamente no Estreito II, devido aos péssimos serviços prestados pela empresa CAGEPA.

A maioria da comunidade é alfabetizada, ou semi alfabetizada, mas isso infelizmente não quer dizer que todas tenham acesso a um ensino superior, muito pelo contrário, não chega a 20 o número de pessoas que fazem ou fizeram cursos universitários em toda a comunidade.

Os trabalhadores, em geral, atuam em serviços urbanos, ou seja, é minoritário o número de pessoas que trabalham na roça. Embora haja pouco tempo, o trabalho das mulheres fosse considerado desonroso para muitas pessoas, principalmente para os homens, hoje é comum e freqüente um número cada vez maior de mulheres trabalhando fora de seus lares, inclusive mulheres solteiras, exercendo profissões “ditas de homem”.

Percebemos que na comunidade do Estreito seus moradores são dinâmicos, participativos e criativos, que apesar das dificuldades e das carências do lugar aproveitam os momentos oferecidos para se inteirarem, se sociabilizarem e demonstrarem suas subjetividades. Iremos agora apresentá-lo mostrando o cotidiano de algumas de suas moradoras, suas lutas, conquistas, desafios e suas relações com a comunidade.

Acordar às 04h30min da manhã, se arrumar, fazer o café e tomá-lo na companhia do marido e do filho. Pegar o primeiro ônibus que passa às 05h40min, ir à academia, pegar outro ônibus e chegar ao trabalho. Lá ficará o dia todo em pé, em seu posto de segurança bancária e só retornar para casa no último ônibus que sai do Centro às 18h30min. Chegando em casa às 19:30 irá fazer o jantar, arrumar a casa, lavar a louça e fazer o almoço do filho para o outro dia. Aos sábados faz a faxina de casa, lava as roupas da família e às 18h00min já está novamente a trabalhar de Segurança, mas desta vez fazendo horas extras em eventos de formaturas, casamentos, entre outros, para garantir um aumento na renda no final

do mês. Eis aí o dia a dia de Dona Gracinda, que desde que passou a trabalhar nesta profissão vem ganhando de muitos moradores da Comunidade do Estreito a fama de trabalhar em “serviço de homem”. Nesta pequena descrição percebemos a junção de atividades ditas femininas: cuidar da casa, da comida, do filho, lavar roupas, com atividades “comumente” masculinas como trabalhar como segurança, e fazer horas extras aos finais de semana.

O estereótipo de “mulher que trabalha em serviço de homem” que dona Gracinda recebeu da comunidade do Estreito por trabalhar como Segurança de Banco, também fora atribuído à outras mulheres que exercem profissões entendidas pelos moradores do lugar como sendo, tipicamente, masculinas, tais como: cobradora de ônibus, servente de pedreiro, motorista.

Seu Antônio irmão de Dona Gorete fala que não avalia de forma positiva a inserção de mulheres em empregos considerados masculinos tendo em vista que “uma mulher de família” que não queira ter seu “nome na rua” deve evitar tais comportamentos.

Se eu for dizer que eu não vi como forma negativa, aí eu estaria mentindo, devido o comportamento assim da minha irmã. Eu achei que ela tava mais sujeita a situações que podia gerar no futuro né assim desconforto pra família, pra dizer a verdade. Eu estava preocupado com a moral da família. Tem coisas que agente não pode abrir mão, por exemplo, eu não acho que uma pessoa deve ter vários parceiros. E não só eu, mas outras pessoas também acham que a profissão de cobradora iria contribuir pra isso. E nós da família e até da própria comunidade comunga com este pensamento de que as mulheres deveriam evitar trabalhar em certas profissões para evitar os comentários (SEU ANTONIO, 2013).

A partir da fala de Seu Antônio podemos compreender que no Estreito os lugares de mulheres e homens são visivelmente separados. A partir do momento que as mulheres tentam transpassar os limites, a elas imposto pela sociedade, a própria comunidade de pensamento, de educação tradicional e conservadora cria um estigma para classificá-las e definir o que é adequado para cada sexo.

DONA MARIANA também é uma das mulheres do Estreito que atua em profissão tipicamente “masculina”. No entanto, a carga de preconceitos recaída sobre ela, pela comunidade, é um pouco menor em relação a outras mulheres, uma vez que ela além de motorista trabalha, também, como professora.

Ela nos revelou em entrevista que trabalha há vários anos como motorista em ônibus particular dela e do esposo, no entanto, no início deste ano surgiu para ela a oportunidade de trabalhar de carteira assinada em uma empresa de ônibus coletivo

de Campina Grande, e que não pode trabalhar pois seu esposo não permitiu que ela fosse, alegando que de motorista ela trabalha apenas para ele.

Este depoimento de D. MARIANA é apenas um breve retrato da relação de gênero vivenciada por homens e mulheres no seu cotidiano. Relações de poderes e resistências se faz presente em seu dia a dia. A categoria trabalho é nesta comunidade símbolo de poder e de lugar social distinto e específico para homens e mulheres.

Aparece muito forte nos discursos dos nossos depoentes a noção da existência de profissões tipicamente femininas. Sabemos que a divisão sexual do trabalho<sup>1</sup> é uma construção histórica e social tão fortemente difundida que é entendido por muitos moradores e moradoras do Estreito, como sendo algo natural, onde as próprias diferenciações biológicas do homem e da mulher reforçam esta ideia. A própria SENHORA JANAINA diz:

Meu marido mesmo disse outro dia que se tivesse uma esposa e deixasse ela trabalhar como servente de pedreiro é porque ele não gostava dela, por que é como se ele não se preocupasse com ela, pois não tinha precisão de ela passar por um sofrimento todo pra ter um dinheirinho no final do mês. A mulher por ser mais fraca do que o homem isso seria um desgaste muito grande pra ela, então ele como homem e marido não ia permitir isso, e eu concordo com ele. (D. JANAINA, 2013).

Temos neste discurso a crença na ideia da fragilidade e inferioridade física da mulher em relação ao homem. Esse imaginário foi construído e respaldado pela ciência. Conforme SOHIET (2011) por razões biológicas a medicina atribuía a fragilidade, o recato e o predomínio da afetividade sobre o raciocínio como características próprias das mulheres, o que garantia a sua subordinação ao homem, já que este diferentemente da mulher era racional, forte, autoritário.

As representações<sup>2</sup> e imagens em relação ao masculino e o feminino são construídas e reconstruídas ao longo do tempo, no entanto, o que percebemos é a

---

<sup>1</sup>A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo [...] Ela tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera reprodutiva e das mulheres a esfera reprodutiva[...] Esta forma de divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o princípio de separação e o princípio de hierarquização. Ver *Desvalorização e invisibilidade do trabalho doméstico: Reflexões iniciais* de BARBOSA, Luciana Cândido, 2011.

permanência da separação e a oposição entre o que é típico de mulher e o que é próprio de homem.

Permanece uma dualidade, como se o sexo opusesse em dois blocos antagônicos características, lugares e papéis a serem ocupados e desempenhados por homens e mulheres. E na comunidade do Estreito essa distinção entre lugares e comportamentos específicos para cada sexo é muito recorrente.

Existe ainda no Estreito a concepção de que espaços como campo de futebol e barzinhos não são adequados para uma mulher “direita” frequentar. E mais do que separar espaço de circulação permitido para cada sexo, há também um comportamento padrão esperado para mulheres casadas.

Usar roupas curtas, decotadas, muito justa, transparentes; conversar alto em lugares públicos; falar palavrões; sair desacompanhadas dos maridos para festas ou passeios; beber e dormir fora de casa; não cuidar da casa, enfim há uma série de normas esperadas pela comunidade que devem ser seguidas pelas mulheres casadas que quiserem atender ao padrão desejado de mulher “direita” e “boa dona de casa”.

Essas delimitações de lugares, modelos e comportamentos também são construídas para os homens, principalmente, os casados. A eles é dada mais liberdade de circulação e movimento, no entanto, o peso de provedor das despesas da família ainda recai sobre eles.

Mesmo diante de um cotidiano de lutas por equidade de gênero, conquistas trabalhistas, dilemas e batalhas algumas mulheres do Estreito compartilham da compreensão de que, embora a mulher trabalhe, a responsabilidade de manter as despesas familiares é do homem. E este não deve jamais ser “sustentado” pela esposa, salvo em caso de doença, como enfatiza a própria D. JANAINA:

Nunca me imaginei sustentando a casa de tudo e o meu marido ficar em casa só fazendo minhas obrigações. Eu só faria isso em casos extremos,

---

<sup>2</sup>Tudo que vemos no que tange a sociedade no qual estamos inseridos é chamado por CHARTIER de representação, para o autor nada é natural, tudo que vemos, ouvimos, conhecemos e naturalizamos não é nada mais do que a representação de um discurso que chega até nós como sendo um fato concreto e real. Discurso esse que por ser muito enfatizado e reproduzido, torna-se uma verdade; verdade essa que muitas vezes exalta uma minoria (elite), ao passo que exclui uma maioria (mulheres, negros, homossexuais, deficientes (...)). Sintetizando podemos dizer que o mundo e/ou sociedade na qual estamos inseridos não passa de uma representação que visa reproduzir falas que carregam consigo preconceitos e estereótipos que mesmo não sendo condizente com a realidade são reproduzidas e representadas como sendo inquestionáveis, falas que trazem uma representação errônea e estigmatizada do mundo em que vivemos. Ver *O mundo como representação* de CHARTIER, Roger, 1991.

como por exemplo, se ele ficasse doente e impossibilitado de trabalhar. Eu me incomodaria em ter que sustentar a casa e o marido. (D. JANAINA, 2013).

Percebemos neste discurso a permanência de uma mentalidade sexista, que carrega consigo uma representação que fixa lugares distintos e específicos para homens e mulheres.

Sabemos que são vários os mecanismos que trabalham na formação e preservação de inúmeros valores tradicionais, universais, que ditam condutas e modelos de ser para homens e mulheres, entre eles estão a família, a religião e a escola, ambos têm um poder incomparável de introjetar e naturalizar ideias, muitas vezes inquestionáveis, nos sujeitos. No entanto, não queremos aqui apenas discutir que no Estreito ainda é forte e recorrente esta ideia de oposição e distinção entre feminino e masculino.

A partir das histórias de vida e das práticas cotidianas a realidade de muitas mulheres do Estreito não condiz com este discurso moralizante, homogeneizador e universal. Elas representam um modelo ímpar de ser, que trazem consigo um misto das representações tradicionais, tais como: fragilidade, docilidade, recato ao mesmo tempo em que fogem destas continuidades e demonstram força e poder.

Em suas práticas cotidianas muitas mulheres do Estreito rompem com os limites e os lugares a elas impostos socialmente. De acordo com as situações vivenciadas e experienciadas por elas, esses lugares podem ser deslocados ou ressignificados. Ora apresentam-se dando legitimidade ao discurso e poder machista e moralizante, ou transcendem e exercem uma identidade única que em nada agrada aos costumes da comunidade local.

Vários discursos estabeleceram que toda mulher trás consigo características como a sensibilidade, delicadeza, recato, obediência, fragilidade, pudor e que sonham em casar e ter filhos, porém, podemos nos questionar até que ponto estes padrões correspondem às aspirações das mulheres trabalhadoras do Estreito.

Ainda é muito recorrente nas práticas de vidas e nos discursos dos nossos entrevistados, a separação, a divisão e o específico e apropriado para serem vivenciados e executados por homens e mulheres. No Estreito a noção de trabalho está ainda muito associado a divisão sexual do trabalho e com predominância do que é próprio e específico de mulher e de homem. Neste sentido a mulher que fugir

deste modelo “ideal” “adequado” e “natural” esperado pela sociedade logo ganha vários rótulos, entre eles o de “mulheres que trabalham em serviços de homem”.

O trabalho percebido como “mulheres que trabalham em serviços de homens” tem haver com a relação entre gênero e trabalho, uma vez que este mundo de diferenciações no Estreito é constituído por sujeitos sociais. Não é algo natural. Essa representação que fazem do mundo, dos outros e de si mesmo, são frutos de projetos que visam ordenar a sociedade e que encontraram em instituições como a religião, a família e a escola seus veículos de transmissão.

Na realidade, além de estereotiparem, muitos homens não avaliam de forma positiva a participação das mulheres em trabalhos até, então, considerados masculinos. Vejamos o que diz o SEU ROBERTO sobre isso:

Pra falar a verdade eu não vejo como positivo a participação das mulheres em todas as áreas de trabalho. Eu acho que elas estão tomando os empregos dos homens. Não é preconceito que elas trabalhem, mas elas estão tomando espaços dos homens porque Deus permitiu que o homem sustentasse a mulher, elas estão fazendo a mesma coisa dos homens, elas estão se sustentando e muitas sustentando os homens, elas não estão fazendo o que é certo. Em questão de trabalhar eu não sou contra, agora tem profissão que eu acho que só o homem deveria trabalhar, por exemplo, como servente de pedreiro, uma mulher não tem condição de trabalhar como servente de pedreiro, ela não tem força suficiente para fazer o que o homem faz. Eu não acho certo uma mulher sair de casa para trabalhar em serviço de homem não. Eu mesmo não permitiria que a minha mulher trabalhasse em construção civil, eu como esposo iria me sentir ofendido, além do mais o povo da comunidade iria falar mal de mim. (SEU ROBERTO, 2013).

Podemos perceber a partir da fala de Seu Roberto o quanto ainda existe de machismo, conservadorismo, e o quanto permanece de um discurso dominante que pregou e difundiu como correto a divisão, a separação entre homens e mulheres.

Observamos ainda um sentimento de poder muito grande do homem em relação a sua esposa, onde este é quem determina o que ela pode ou não fazer e, mais do que isso, percebemos também o quanto os homens moradores do Estreito são preocupados com os valores desejados pela sociedade.

Casado com D. JANAINA que trabalha como secretária numa escola estadual, SEU ROBERTO não avalia de forma positiva a presença feminina em determinadas profissões, em especial, motorista, cobradora, pedreira. A inserção das mulheres em funções que durante muito tempo era exclusividade masculina

aparece para estes homens como uma ameaça. Uma ameaça a mais para tomar seu posto, para dividir o mercado de trabalho.

E mais do que apenas se sentir ameaçados pela presença das mulheres, eles ainda atribuem a elas uma inferioridade biológica que as incapacitam de desempenhar determinadas tarefas. Quer seja por realmente acreditar nesta fragilidade feminina quer seja para justificar sua posição contrária a presença feminina nos mais diversos campos de trabalho. Ao menos é o que escutamos de vários depoentes, inclusive de SEU ALAN:

Acho que mulher não deveria trabalhar, no campo, na roça, pois eu acho um serviço muito bruto pra mulher. Não era pra existir esse negócio de mulher trabalhar no campo não porque você sabe que o campo é muito pesado pra tudo. Arrancar toco, pra encoivarar, e mulher não pode tá levando quentura de fogo, levando o sol muito quente também pra essas coisas. Dentro de casa mulher já tem o que tem imagina no meio do tempo como diz o ditado, como diz os velhos do outro tempo levando quentura de fogo, sol quente, passando da hora de comer. Pra gente homem já é pesado imagina pra uma mulher né? (SEU ALAN, 2013).

Em depoimento SEU ALAN diz acreditar na fragilidade física das mulheres e levanta-se contra a presença das mulheres nos serviços do campo, no entanto, ele é casado com D. ROSALINA de 26 anos que trabalha como Servente de pedreiro. Acredita numa fragilidade física feminina em relação ao físico masculino, contudo, acompanha de perto o cotidiano trabalhista de sua esposa que atua em construções fora e dentro da própria casa.

No entanto, contrariando este lugar reservado para elas na sociedade, algumas mulheres do Estreito, fizeram a diferença em suas vidas, se desprendendo de certos valores moralistas, tradicionalistas e opressores e passaram a viver e a fazer de suas vidas, fontes de inspirações para outras mulheres, ao mesmo tempo em que tornaram-se alvos de críticas, estigmas e estereótipos por parte de quem ainda comunga da concepção de distinção entre homens e mulheres.

### **3.2 “Do limão a limonada”: Os sabores e dissabores experimentados por quem transgrede os lugares socialmente fixos**

Mãe solteira de uma filha de 6 anos, operadora de telemarketing, D. GORETE trabalhou durante 11 meses como cobradora de ônibus. Com uma infância semelhante a da maioria das moradoras do Estreito, ela teve uma educação muito

tradicional. Membro de uma família simples composta por três irmãos mais o pai e a mãe. O que a destaca em relação a outras mulheres não diz respeito a sua educação familiar, mas o seu desprender destes valores tão fortemente impregnados em nossa sociedade.

Sua história de vida começou a mudar a partir do momento que ela passou a trabalhar na cidade como empregada doméstica. Aos dezesseis anos foi trabalhar em casa de família, pois além de seus pais serem humildes ela tinha muita vontade de continuar seus estudos, o que já não era possível de prosseguir na zona rural em virtude de lá, na época, só existir o ensino até o fundamental II.

Mesmo seus pais sendo contra sua saída para trabalhar ela insistiu e foi. Seus pais e seus irmãos se opuseram pelo simples fato de acharem que mulher não deveria trabalhar fora, nem estudar muito, levando em consideração que mulher direita não deve trabalhar e, sim, ser sustentada pelo marido que deve casar, ter filhos e ficar em casa cuidando de tudo. Além de tudo tinham medo de que ela, indo trabalhar na cidade, pudesse não arrumar um casamento.

Foi trabalhar mesmo assim, no entanto, só poderia continuar estudando se fosse na mesma escola que seu irmão, afinal de contas, uma moça de família não poderia ficar andando sozinha na rua. É o que ela mesma nos relatou:

Quando eu terminei a oitava série fiz uma seleção para estudar na escola estadual da prata, que na época só poderia cursar o ensino médio naquela instituição quem fosse aprovado neste teste. Eu passei, no entanto meu irmão foi reprovado, logo nenhum de nós dois fomos estudar lá, pois meus pais não permitiram que eu estudasse em escola separada do meu irmão, sendo assim, eu fui estudar em uma escola estadual das Malvinas de péssima qualidade, pelo simples fato de meus pais acharem que uma moça direita não deve andar sozinha na cidade (D. GORETE, 2013).

Este depoimento de D. GORETE nos faz pensar não somente na concepção conservadora de perceber o mundo e a tentativa excessiva dos pais em controlar, em prender as filhas e mantê-las o mais longe possível do mundo público. Querendo sempre mantê-las sobre seus cuidados com sua honra preservada.

Percebemos ainda uma concepção de cidade diferente da que estamos acostumados a ver, nos mais diversos discursos. Conforme SILIPRANDI (2004) costumeiramente a cidade aparece como lugar do desenvolvido, do civilizado, da modernidade, da civilidade, da higienização em oposição à zona rural que é vista sempre como lugar do atraso, dos descasos públicos, de gente com mentalidade

arcaica, lugar das ausências. No entanto, temos no discurso dos pais de D. GORETE outra concepção de cidade, um lugar que oferece perigos a moças de boa índole, lugar da violência, da prostituição, do crime, dos vícios enquanto que a zona rural é vista como lugar das virtudes, da abundância, da harmonia, da tradição e da inocência.

Quando terminou o ensino médio fez um curso de atendente de comunidade e foi nesse curso que ela percebeu que deveria mudar sua realidade. Lá ela passou a ter contato com pessoas instruídas, que tinha melhores condições de vida e, então, ela despertou e percebeu que para sua vida mudar, tomar outros rumos, dependia somente dela, da sua ousadia, da sua coragem.

A partir desse curso foi possível seu acesso em outro curso, agora um curso de auxiliar de enfermagem. Nessa época já estava trabalhando no projeto Brasil Alfabetizado e este período de sua vida foi para ela seus anos dourados. Com dinheiro no bolso, certa liberdade e fazendo um curso de auxiliar enfermagem.

Ela já tinha mais de 20 anos, mas a realidade é que embora a sociedade lhe cobrasse um casamento, pois, já estava ficando fora dos padrões, ela confessou ter aversão ao casamento, porque, olhando as realidades das famílias ao seu redor e se imaginando naquela mesma vida ela repudiava a ideia:

Eu pensava diferente de todas as minhas amigas. Todas elas, sem exceção queriam casar e ter filhos e eu não. Tinha verdadeiro pavor a casamento. Um filho eu queria ter antes dos 30, mas sem casar. Nunca quis um compromisso tão sério pra mim. É muita responsabilidade, muita cobrança. Eu abominava casamento (D. GORETE, 2013)

Quando começamos a analisar as mudanças de D. GORETE, antes uma moça simples da zona rural, oprimida pelos valores tradicionais da sua família, obediente, simples e agora trabalhando, estudando, saindo de casa para se divertir, contrariando seus pais e pretendendo ter um filho sem se casar. Percebemos a partir daí a internalização de novos valores, novas concepções de mundo, novas aspirações. Aspectos esses que faziam ela adquirir novas identidades. Partindo da mesma compreensão de HALL (2011) sobre identidade somos favoráveis a compreensão de que não existe uma identidade única, sólida, fixa. Acreditamos em diversas e distintas identidades.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados, por uma

multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2011, p. 13)

Comungando com HALL (2011), também defendemos que identidade é algo formado ao longo do tempo. Não é algo natural, pré-existente que um indivíduo já nasce com ela. Identidade é algo em processo de construção, instável, inacabado. Algo que nos possibilita identificarmos com uma coisa e amanhã com outra. É um processo em constante transformação.

A própria depoente percebe-se transformada, mudada ao longo do tempo. Quando perguntada se ainda continua com o mesmo pensamento em relação ao matrimônio, vejamos o que ela nos fala:

É interessante perceber o quanto a gente se transforma né. Hoje depois dos trinta, parece que nossos pensamentos vão se modificando de acordo com nossa idade. Agora depois dos trinta, tive minha filha que já tem seis anos, e hoje de vez enquanto eu penso que poderia até acontecer, que poderia ser bom, que poderia ser viável. Hoje eu já me imagino casada. Agora vale salientar que mesmo mudando de opinião em relação ao casamento, eu não me arrependo de não ter casado. Acho que foi uma decisão muito inteligente porque eu só quero casar quando tiver conseguido algumas metas que eu ainda não alcancei, por exemplo, ser concursada, ter minha própria residência, um transporte. Mais estabilidade (D. GORETE, 2013)

Almejar estabilidade financeira, casa própria e transporte, ser efetiva, são elementos que caracterizam uma mulher de identidade forte, trabalhadora, destemida e segura de si. Esta sua concepção de vida, sua maneira de se comportar e de agir, seu modo de perceber o matrimônio, não foi aceito de forma positiva por sua família, pela comunidade nem por outras mulheres da comunidade, já que muitos valores tradicionais continuam tendo a mesma importância de antes entre os moradores da comunidade do Estreito. Sua atuação como cobradora de ônibus também não foi encarada de maneira satisfatória por sua família.

Inicialmente o que me motivou a trabalhar nesta área foi a necessidade mesmo. Na época eu já era adulta e respondia por mim, ninguém me impedia de realizar o que eu quisesse, embora eu ainda more com meus pais. Tem muitas dificuldades em trabalhar nesta área, falta de segurança, baixa remuneração, muito assédio, você é mal vista por outras mulheres, enfim, mas como eu sempre tive um lado meio feminista eu sempre gostei de desafios e de trabalhar em lugar onde tivesse poucas mulheres, não pelo simples fato de ter poucas mulheres, mas por saber que a profissão é um pouco discriminada pela sociedade e eu quis quebrar um tabu trabalhando em uma ocupação onde costumeiramente é ocupado por homens. Eu gostei da experiência. Da vida agente deve saber pegar o amargo, o azedo e

transformar em doce. E saber fazer do limão a limonada. E esse emprego eu acho que foi o meu maior desafio até hoje. Porque além dos perigos constantes da violência ainda teve a oposição da família em peso e até de alguns amigos. Ninguém me apoiou na decisão de trabalhar como cobradora. Meus familiares se preocupavam tanto com a violência como com a moral da família, pois eles achavam que quem trabalhava em uma profissão dessas ia ficar muito mal falada e o fato de eu já ser mãe solteira contribuiu e muito para intensificar a discriminação e o preconceito. Toda vida sofri muito com esta preocupação dos meus pais com a opinião da sociedade, tudo que eu pensasse em fazer eles diziam logo que o povo ia falar e estas coisas todas, enfim, sempre o povo circulando na mente deles. É como se nós tivéssemos que viver pra dar satisfação aos outros (D. GORETE,2013).

Ser mulher, pobre, negra, moradora da zona rural, mãe solteira, trabalhar de cobradora de ônibus e morar em uma comunidade machista, conservadora, patriarcal, preconceituosa não foi uma tarefa nada fácil para Dona Gorete que nos relata como foi e, de certo modo, ainda é esta sua experiência.

Eu mesma fui muito rotulada por várias mulheres da comunidade, aquelas mulheres que parece que tem é inveja pela garra que você tem e lhe discrimina por isso, por você ser ousada, corajosa. Talvez tivesse até vontade de fazer também o que você faz, mas como é medrosa, ou não quer romper com os padrões da sociedade acham mais fácil lhe criticar, lhe rotular do que lhe defender. Outras são inseguras, reprimidas e de forma indireta começam a lhe criticar por você se comportar diferente, por ocupar lugar que não é feito pra você, e também por eu ser mãe solteira. O fato de eu ser mãe solteira significou para mim um fardo muito pesado, pois fui muito julgada, apedrejada, criticada por várias instâncias, desde a minha família, amigas que se afastaram de mim e até mesmo o padre da igreja daqui, que veio me pedir para eu me afastar, me reservar mais em casa. Estamos no século XXI, mas ainda hoje o preconceito para com as mulheres que não seguem o padrão desejado é gritante (Dona Gorete, 33 anos, operadora de telemarketing, entrevista 2013)

Em sua fala percebemos o quando valores tradicionais como o matrimônio, o recato a divisão em esfera privado para mulheres e a pública para os homens ainda pesam sobre as vidas de mulheres que rompem com este modelo de mulher imposto pelo poder elitista que tenta controlar, reprimir e homogeneizar todas as mulheres.

No entanto, apesar de todas as barreiras, obstáculos, preconceitos e rótulos Dona Gorete conseguiu se desprender dessas amarras impostas pelo poder. Hoje ela é operadora de telemarketing e tem muitos outros projetos de vida.

Hoje minha família me apoia com minha filha, mas na época que engravidei foi um choque muito grande para todos meus familiares a até mesmo pra comunidade, pois o fato de eu não ter namorado fixo, fui um bafafá enorme. Embora a própria comunidade já esperasse, ou melhor, torcesse para que

isso acontecesse, tendo em vista que eu já era adulta, trabalhava fora, saía muito para as festas e não queria casar. Para a equipe de liturgia da igreja da qual eu fazia parte na época, foi choque enorme também. Inclusive me afastei da equipe. Minha vida nesse momento tornou-se muito difícil, pois quando minha menina completou 6 meses de nascida, o Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos, que eu participava com professora acabou então eu tive que procurar um emprego, pois eu não queria ficar na casa dos meus pais com um bebê e sem dinheiro nenhum para colaborar com as despesas. Com poucos dias apareceu a oportunidade para eu trabalhar como cuidadora a domicilio, embora fosse pouco, na época eu fiquei satisfeita, pois estava sem nada né. Realmente o salário era muito pouco, mas em compensação a carga horária era excelente, era só na parte da tarde, ótimo pra mim que tava de bebê. E isso só foi possível graças ao meu curso de enfermagem. Minha mãe sempre me ajudou muito com minha filha, nessa época meu bebê não comia nada apenas mamava. Só sei que eu fiquei neste emprego por mais oito meses aí foi desse que eu saí para o emprego de cobradora. No emprego que eu estou hoje eu me encontro, me identifico, não quero permanecer sendo operadora de telemarketing para o resto da minha vida não, tem gente que chega num canto e diz logo assim, pronto aqui eu tô ótima, do jeito que tá eu fico, não quero mais nada. Eu quero subir de cargo, ser instrutora ou coordenadora. Me vejo muito adormecida no tempo, pois já faz um ano que tô trabalhando e não fiz nenhum curso. Mas eu pretendo fazer uma universidade ainda, se Deus quiser e quero aprender a dirigir carro e moto que inclusive eu tenho que pagar por fora se quiser aprender, onde na família meu pai e meus dois irmãos cada um possui um carro e são habilitados. Complicado né. Quero tirar a carteira e comprar meu transporte.

A história de vida e os depoimentos de D. GORETE nos remete a uma imagem de mulher que trabalha não apenas pela necessidade financeira, mas também por satisfação, para se sentir útil e capaz de se manter e manter sua filha, para poder comprar o que quiser e ter autonomia, liberdade. Sua história de vida nos possibilita refletir sobre o quão pesada é a vida de quem ousa quebrar as barreiras dos valores machistas dominantes. Quantos estereótipos, quantas críticas, julgamentos e discriminação sofrem as mulheres que apresentam suas identidades, que deixam aflorar suas subjetividades e suas sensibilidades.

Sua vida, sua garra, sua luta nos ensina que é possível ser autêntica, ser ímpar, ser sujeito construtor da sua própria história. Os obstáculos que se levantam são feitos para serem transponíveis, ultrapassados, questionados e desconstruídos. Cabe a cada mulher lutar por suas conquistas e realizações pessoais, serem sujeitas de sua própria história. Não permitir que valores machistas e preconceituosos lhe impeçam de crescer, de ser livre e ter autonomia.

### **3.3 “Usei todas as pedras jogadas contra mim para construir o meu castelo”: Desafios e superação vivenciados pelas mulheres do Estreito**

Nascida e criada no Sítio Estreito, 48 anos, casada, católica, mãe de quatro filhos hoje D. SIMONE se sente realizada profissionalmente, como professora. Diferentemente de DONA GORETE, DONA SIMONE trabalha e sempre trabalhou em serviços tipicamente femininos, no entanto, sua história de vida em muito se assemelha com a de D. GORETE.

Desde a infância D. SIMONE diz ter recebido por parte de seus pais e familiares uma educação muito rígida e severa. Sempre respeitou seus pais e por tamanho respeito é que nunca teve coragem de desobedecê-los. Desde criança que gostava de estudar, no entanto, na época que estudava só existia no Estreito um colégio Municipal no qual funcionava apenas o ensino fundamental I, que foi a série que ela parou de estudar naquele momento.

Sentia-se muito presa, pois seus pais não a deixava sair para passear. Ir a festa era coisa que nem ela nem suas irmãs poderiam sequer pensar. Trabalhava na roça com seus pais e não tinha liberdade de falar sobre seus planos e projetos de vida, afinal em sua época os pais eram muito severos com os filhos. Aos 16 anos viu no casamento uma oportunidade de mudar de vida, ela pensou que casando poderia ser mais livre, que poderia se divertir, passear ir à festas e continuar seus estudos.

Na realidade eu não casei por amor, casei apenas para sair de casa, pra me libertar daquela prisão em que eu vivia. Eu queria me divertir, estudar. Eu na realidade não queria nem ter filhos. Eu pensava assim: Eu quero estudar que ele vai deixar, porque ele não manda em mim porque não é meu pai, eu posso responder ele, brigar e desobedecê-lo. Isso era meus planos. Pense numa besteira (D. SIMONE, 2013)

No intuito de estudar, de mudar de vida ela enquanto pôde adiou a maternidade e viveu em conflito por muito tempo com o marido tentando convencê-lo de deixá-la estudar. Ele por sua vez mostrou-se irredutível mandando-a voltar pra sua casa, pois mulher sua não estudava não.

Arrependeu-se muito rápido do seu casamento, no entanto, uma mulher separada para a época era feio demais, além do mais o que ela iria alegar como sendo o motivo do término de seu casamento. Ele trabalhava, não deixava faltar as coisas em casa, queria ter filhos, ela era quem não queria. Na concepção da comunidade do Estreito, ele tinha todos os requisitos de um bom marido. E ela

sendo filha de uma educação conservadora e machista, viu-se sem alternativas e resolveu aceitar seu destino. Já que não tinha o apoio da família e não tinha emprego.

Tentou abafar seus sonhos de estudar, de ser professora e decidiu dar a seu esposo os filhos que ele tanto queria. E ela teve quatro filhos, duas meninas e dois meninos. Que apesar de todo sacrifício, segundo ela, tornou sua vida menos amarga, menos angustiante. E durante muitos anos, sua vida girou em torno de seus filhos. No entanto, seu sonho de estudar fora apenas adormecido, mas jamais esquecido. Depois que seus filhos já estavam crescidos, o seu filho menor já estava com uns 9 anos, apareceu para ela à oportunidade de trabalhar. Um amigo de família, de muitos anos, ofereceu-a uma vaga para trabalhar como auxiliar de serviços gerais numa escola pública do estado em uma comunidade vizinha.

Ela ficou muito feliz, falou com o marido e ele como estava desempregado nessa época não fez muita resistência, até porque ele ia levá-la e pegá-la na volta. Era um serviço diurno, próximo de sua casa, só tinha mulheres trabalhando junto com ela, enfim, alegando estes elementos, ele a deixou trabalhar.

E esse foi o passaporte das mudanças em sua vida. Chegando na escola ela tomou conhecimento que lá estava precisando de uma auxiliar de secretaria que ela só não pôde ocupar a vaga por não ter estudos. A diretora incentivou-a a prosseguir seus estudos, disse-lhe que era ela uma mulher muito nova, tinha uma letra bonita. Isso lhe serviu de motivação.

O fato é que ela convenceu o seu marido a ir estudar com ela a noite, já que sozinha ela não iria, pois seu esposo não deixaria de forma alguma. Foi fazer a quarta série novamente, pois como já fazia muito tempo que ela havia parado de estudar ela queria revisar os conteúdos. Neste ano em que ele estava estudando junto com ela não houve problemas. Ela avançou e ele como ia pra escola só para vigiá-la, não foi aprovado, no entanto, ela precisava ir estudar em outra escola, pois nessa que estava estudando só tinha até a quarta série. Foi a partir daí que começaram os maiores obstáculos de sua vida para a concretização de seu sonho de estudar.

Seu esposo mais uma vez não quis que ela continuasse a estudar. Mais uma vez ele tentou intervir nas suas decisões. No entanto, desta vez ela enfrentou-o, agora seus filhos já estavam crescidos, e ela tinha emprego. Agora ela já tinha

autonomia financeira e resolveu enfrentá-lo. Mesmo coberta de coragem não foi uma tarefa muito fácil pra ela.

Para ele não moer tanto chamei uma comadre minha casada também pra ir estudar comigo, mesmo assim não adiantou muita coisa não. Quando eu chegava todo dia era briga, todo dia era briga. Quando eu ia deitar eu levava tanto do empurrão na cama, caía no chão, voltava. Era igual sapo, você botava pra fora e ele voltava. Ele ainda chegou a ir na casa da minha mãe dizer que se eu não saísse da escola ele ia me deixar, colocar minhas coisas no meio da rua. Era desse jeito, e era briga e mais briga e eu ali firme e pensando, deixe ele jogar minhas coisas não tem nada, mas dessa vez eu não desisto. Me dá homem sem eu ter. Era um inferno de vida. Toda noite era uma briga quando eu chegava, toda noite. Isso rendeu uns quatro a cinco meses, agora era briga, não era briguinha de você discutir e dormir não, era briga feia, com palavrões ameaças e um monte de coisas que não vou nem dizer. Cheguei a pensar em desistir, não vou mentir, porém, eu só fazia orar e pedia tanto ao Senhor para mim ajudar. Eu ia trabalhar de manhã e chegava em casa de 15:00 horas. Aí quando chegava ia arrumara a casa, fazer janta, lavar roupa e deixar tudo arrumado e ir na casa da minha irmã, que é doente, fazer a janta dela. Pra quando chegar ir pra o colégio a noite estudar. Quando ia chegando a noite ele começava a brigar e eu aguentei mais ou menos um ano de queda de cama que eu aguentei. E quando ele tava com a mulinga ele me dava uma pesada que eu caía longe. Teve um dia que ficou até uma roncha assim em mim. E eu escondia dos meus meninos porque eles eram pequenos e não podiam tomar atitude (D. SIMONE, 2013).

O relato de D. SIMONE nos remete à história de tempos remotos onde o poder masculino sobre a mulher era inquestionável. Onde a mulher deveria ser submissa ao marido e aceitar seu destino que era ser dona de casa, mãe e esposa dedica.

Estudar parece muito simples aos nossos dias, no entanto, é uma conquista muito recente na história das mulheres. Estudar representa um despertar para novas oportunidades, significa um abrir de olhos, é a possibilidade de poder e saber questionar o que é dado como natural. É poder competir com igualdade com os homens. É poder ocupar cargos e funções “tipicamente masculinas”.

Talvez para o esposo de D. Simone o ato de estudar significasse para ele todas estas coisas e, mais do que isso significava mudar muitas das estruturas fixas e determinadas, socialmente, para as mulheres. Para que uma mulher casada, mãe de família e dona de casa ir atrás de aprender? Ou melhor, aprender o quê? Qual seria seu verdadeiro objetivo? Comungando de uma visão machista e conservadora, o esposo de D. SIMONE tentou de muitas maneiras oprimi-la, diminuí-la e silenciar seus anseios.

O deslocamento de papéis estabelecidos e normatizados para as mulheres podem, também, ter abalado sua concepção de ser homem. Para ele, assim, como, para vários outros homens moradores do Estreito, mulher deve ser submissa e obediente ao esposo. Estudar sem o seu consentimento estremeceu seu “poderio” de marido, de homem, de chefe.

A história de D. SIMONE não termina por aqui, houve inúmeras batalhas, obstáculos e desafios, no entanto, quando se é determinado, quando se tem foco e sede de mudança, essas dificuldades serão apenas fatos para ilustrar a trajetória que se percorreu para se alcançar determinado lugar. Então acompanhemos a continuidade da história de D. Simone:

Mesmo assim eu não deixei de estudar, não dei este gosto a ele. E aos poucos ele foi se rendendo e se adaptando, viu que não podia dar jeito mesmo. E nessa brincadeira eu terminei a oitava série. E fiz festa e tudo, dancei até uma valsa com meu filho mais velho. Eu estava tão feliz, nessa época, eu já tinha meu dinheiro, gastei meu décimo todinho pra me arrumar e arrumar meu filho pra entrar comigo. Eu não tava nem ligando pra mais nada. Era só pensando nessa festa. Gastei tanto e nem me importei. Fiz uma festa, fiz uma mesa daquelas. Era um sonho de muitos anos. Tenho fotos e um DVD com a valsa da gente dançando e tudo. Quando muita gente pensava que eu ia parar, eu continuei, fui fazer o ensino médio. Aí meu marido dizia não sei pra isso, uma véa dessa estudando, mas era só o que ele dizia agora. E terminei o ensino médio. A escola estava novamente precisando de uma pessoa na secretaria, então como eu agora tinha estudo a diretora me subiu de função. Me empenhei o máximo possível no meu novo trabalho. Mas o mais interessante foi como as coisas foram acontecendo naturalmente em minha vida. Quando faltava um professor a diretora pedia que eu fosse pra sala de aula e aplicasse um exercício com a turma. E eu fui pegando gosto. Chegando ocasião de eu ir dar aula no lugar da própria diretora, a sugestão dela mesma, pois ela via que eu tinha jeito e gostava da coisa. De tal modo que eu decidi fazer universidade. Novos desafios se levantaram em meus caminhos, mas uma certeza eu tinha, eu ia conseguir. Como eu não poderia ir cursar nas universidades públicas devido a minha dura rotina de trabalho e de casa, eu tinha que fazer faculdade particular. Incentivado por uma amiga, fui fazer minha universidade em Pocinhos, pois além de ser mais barata, a carga horária era mais compatível com minha realidade. Enfim, fiz o vestibular e passei. Quase não acreditei quando saiu o resultado. Naquele momento começou a passar um filme na minha cabeça. Lembrando de tudo que havia passado pra estudar e vi que isso tudo começava a valer apena. (Dona Simone, 48 anos, professora, entrevista, 2013)

Casada, mãe, dona de casa, trabalhando e agora querendo cursar um ensino superior. Como a comunidade avaliou esta mudança de rumo na vida de D. SIMONE? As mulheres casadas, submissas e obedientes aos seus esposos, como passaram a perceber as escolhas e a postura de D. SIMONE? Até que ponto ela foi

apoiada ou “apedrejada” pelos outros, leia-se aqui, família, amigos, vizinhos? A própria D. SIMONE nos relata como foi esta experiência de sua vida:

Quando eu comecei a cursar a universidade as críticas começaram a surgir. Fui muito criticada, muito mesmo. O pior é que dessa vez não vinha apenas do meu marido, vinha agora da família dele, da comunidade, dos vizinhos, enfim, era um monte de gente me apontando, me julgando. Embora eu estivesse muito feliz em está estudando eu logo comecei a entristecer, pois o fato de eu não ser mais jovem não havia mais necessidade de eu está estudando, e se fosse só isso era muito bom. O que mais me doía era ser apontada pelos outros como se eu estivesse fazendo alguma coisa errada. Muitas pessoas, inclusive da minha própria família dizia que eu estava apenas procurando um motivo pra viver no meio do mundo, pra viver atrás de farra, de amiga, pra ser ruim. Tudo isso pelas costas. Mas como comunidade pequena agente sabe de tudo, eu sempre ficava sabendo do monte de julgamento que me faziam. O maior dos comentários era como é que pode uma mulher casada, mãe de família sair de casa no sábado de manhã e chegar no domingo a noite? Só Deus sabe o que ela tava fazendo pelo mundo afora. Eu sempre dizia assim: quando eu terminar, se Deus quiser, eu irei mostrar meu diploma a todos. Aí uma parenta dele disse mesmo assim: o diploma daqui a três meses ela dá ao marido dela, não precisa nem ela dá a ninguém, ela dá a ele. Embora eu estivesse continuando a cursar, eu a cada dia mais ia ficando mais triste, pois é muito triste você viver a vida todinha de sofrimento, mas sempre fazendo por onde ser uma pessoa respeitada, se ver assim de uma hora pra outra com sua moral questionada, duvidada diante da comunidade.

Uma mulher forte, determinada, mãe e trabalhadora que carrega consigo os anseios de estudar, de trabalhar, de ser autônoma trás consigo, também, as marcas de uma criação tradicional e moralista. Durante toda sua vida aprendeu e internalizou os valores que uma “mulher direita” deveria apresentar. Suportou anos de sofrimento no seu matrimônio em nome da moral e dos bons costumes agora se depara com os julgamentos, os estereótipos e os estigmas de uma comunidade que destingue o que é “adequado” ou não para mulher, mãe, esposa, dona de casa.

Sinceramente pensei seriamente em desistir, e só não fiz isso agradeço muito a meus filhos que me diziam não ligue não mainha, deixe esse bando de peste falar. Não é eles que pagam suas contas mesmo. A senhora não quer estudar, então vá, não dê nem moral pra essas pestes não, deixe eles falar [...] Mas ai eu recebi muito apoio dos meus filhos e dos meus professores e cheguei a conclusão que eu deveria me empenhar e trabalhar para mostrar o contrário, então pensei assim, não vou rebater nenhuma dessas pedradas que estou sofrendo, vou juntar todas para construir meu castelo. Quando eu deixei de me importar com as críticas que eu sofria, sem nem me da conta comecei a perceber o reconhecimento por parte de pessoas que antes havia me criticado. E o mais interessante pra mim e ver algumas mulheres de minha família, que são oprimidas como um dia eu fui e servir de exemplo pra elas, como algumas disse a mim mesma outro dia mesmo assim, um dia quando meus filhos crescerem eu também darei um novo rumo a minha vida igual a senhora tá fazendo. Chegou a ocasião que eu fiquei desempregada, [...] nesse período eu passei muitas dificuldades,

pois, para continuar estudar já foi um sobrinho meu que assumiu as responsabilidades das despesas [...] Mas as recompensas vieram depois, em 2011 um amigo enviou meu currículo pra terceira região pra compor o quadro dos professores de uma Escola Estadual bem perto aqui da minha casa. E felizmente, graças ao meu bom Deus, deu tudo certo. Então em fevereiro daquele ano eu comecei a lecionar. Pra mim foi a maior vitória da minha vida. Comecei com reforço, depois fui trabalhar na EJA a noite. Hoje eu me sinto muito realizada e não me vejo fazendo outra coisa. E o mais importante é ver meus filhos sentindo orgulho da mãe que eu sou (Dona Simone, 48 anos, professora, entrevista, 2013).

Mulher forte, guerreira, decidida traços de uma personalidade marcante, de um sujeito que não condiz com o modelo que prega uma mulher submissa, delicada, frágil, pacata, passiva. No entanto percebemos em D. SIMONE uma valoração de características tradicionais como a boa reputação feminina, uma mãe exemplar e uma dona de casa dedicada com os afazeres domésticos.

A partir do relato de vida de D. SIMONE percebemos a representação de uma mulher que trás consigo uma correlação de traços tradicionais e inovadores. É uma luta por sua autoafirmação, pela sua individualidade, sensibilidade, subjetividade tentando desprender-se de valores machista que a aprisiona, ao mesmo tempo em que sua educação conservadora não lhe permite alçar “voo mais altos” sem sentir-se culpada por estar transgredindo uma norma que naturaliza os espaços femininos.

Analisando esta sua história de vida, lembramo-nos da discussão feita por Hall sobre identidade onde este diz que a crise identitária tão discutida atualmente consiste “na descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos” (HALL, 2011, p. 9).

Percebemos o sofrimento de D. Simone por está neste processo de descentramento de si mesmo. Toda sua vida foi uma mulher educada por seus pais e familiares para executar um papel definido e estabelecido, uma mulher que apresentasse todos os requisitos para ser uma boa dona de casa, esposa, mãe, filha.

Aspirar por melhor condição de vida, não querer ser submissa, nem viver à custa do esposo, querer estudar, trabalhar, se sentir capacitada de se autogerir são traços que correspondem a uma descentração de uma identidade que se pretende única e homogênea, sólida, fixa e imutável para as mulheres. Não há mais como posicionar, definir e fixar uma identidade como sendo “única”. E como diria BAUMAN (2005), há muitas outras identidades para serem inventadas durante uma vida,

porém, nunca se saberá ao certo, qual delas lhe proporcionará mais satisfação, mais realização.

Contrários aos discursos que pregam identidade como algo fixo, imutável, pronto e acabado, natural e inquestionável, percebemos a identidade, como, também, a diferença, como construções sociais e culturais. Somos sujeitos sociais dinâmicos, ativos e criativos, por isso acreditamos que conceitos e estruturas rígidas, transmitidos na família, na escola, na igreja, podem ser burlados, quebrados e reelaborados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A luta das mulheres para se inserirem no mercado de trabalho tem sido uma marca na trajetória das mulheres tanto na sociedade brasileira como fora dela. A partir desse aspecto percebemos que não é diferente com as mulheres do Estreito, pois sendo trabalhadoras e sendo moradoras da zona rural elas, também, têm outros sonhos, outras perspectivas diferenciadas.

Neste trabalho nossa pretensão foi justamente trazer as mulheres da Comunidade rural do Estreito, seus cotidianos de lutas e de vozes por vezes silenciadas. Vozes que, muitas vezes, não têm direito de serem ouvidas. Então gostaríamos que essas vozes saíssem do espaço do silêncio para o espaço da visibilidade.

A separação de homens e mulheres no âmbito das esferas públicas e privadas, bem como a oposição do que é típico para mulheres e próprios para homens, a dupla jornada de trabalho adquirida pelas mulheres são recorrências de uma ideologia extremamente conservadora. A ideia da existência de uma “essência feminina”, de um jeito de ser mulher que as diferencia dos homens, por estes serem fortes, destemidos, corajosos e racionais embora tenha sido muito difundida nos séculos XIX e XX, ainda podemos encontrar, como muita facilidade, heranças desses discursos em nossos dias.

No intuito de combater estes discursos é que escolhemos trabalhar com gênero por entender que este se propõe a rebater a opressão sofrida pelas mulheres, pobres, ricas, negras, brancas, nativas, moças, senhoras, enfim e nas mais distintas esferas, família, religião, sociedade, trabalho. Gênero é uma forma primeira de desconstruir as desigualdades existentes entre homens e mulheres.

Trabalhar com a História oral nos possibilitou entender que as mulheres da comunidade rural do Estreito estão longe de corresponderem aos estereótipos de mulheres submissas, frágeis que aceitam passivamente o poderio masculino. A partir das histórias de vidas, relatos e testemunhos de nossos depoentes e entrevistadas, ressaltamos aqui a força que emana dessas mulheres, suas sensibilidades, seu gosto pela vida, seu gosto pela luta, pelo trabalho que desenvolve.

Mesmo mediante de tantos desafios essas mulheres não esmorecem, elas continuam suas lutas, seus dilemas e é partindo da história de vida dessas mulheres

que trouxemos aqui para a pesquisa histórica uma discussão sobre as mulheres do Estreito. Mulheres essas trabalhadoras e moradoras da zona rural que ousaram questionar e ultrapassar os lugares socialmente reservados para elas. Embora tenham sofrido e ainda sofram alguns estigmas, essas mulheres, em especial as que foram estigmatizadas como “mulheres que trabalham em serviços de homens” lutam no sentido de desconstruir esses discursos.

As mulheres lutam pela promoção da equidade de gênero e entre os quais podemos notabilizar atividades trabalhistas que antes eram espaços eminentemente do masculino. As mulheres quebraram essas denominações e agora estão exercendo no contexto do mundo do trabalho atividades, tais como: segurança, servente de pedreiro, motorista de ônibus, cobradora, entre as quais destacamos as mulheres que focalizamos em nossa pesquisa.

Identities que por muito tempo eram compreendidas como sendo fixa, única e estável aparece no contexto da atualidade como algo múltiplo, diverso, complexo e, por vezes, até contraditório. Sendo adeptos a esta concepção de identidade percebemos nas mulheres do Estreito a presença de inúmeras identidades assumidas por elas concomitantemente.

Elas quebraram, romperam com estes lugares e discursos que fixavam e delimitavam trabalhos antes tidos como exclusivamente masculinos. Notabilizamos muitas continuidades, mas, também, percebemos muitas rupturas. Um discurso que se pretende único, universalizante que fixa lugares e qualidades específicas para cada sexo “cai por terra”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **História dentro da História**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

BARBOSA, Luciana Cândido. **Desvalorização e invisibilidade do trabalho doméstico: reflexões iniciais**. Disponível em: <http://www.itaporanga.net/genero/3/05/06.pdf> (Acessado em 10/06/2013)

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedito Vecchi**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

BÉLENS, Jussara Natália Moreira. **Trabalhando Feito Homem: O (des) compasso do papel social das Mulheres do Estreito, Campina Grande, PB**. Curso de Sociologia, Campina Grande: UFPB, 1998.

BUTLER, Judith P. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAVALCANTI, Faustino Teatino. **Transformações urbanísticas e representações modernas: a cidade de Taperoá - PB nas primeiras décadas do século XX**. Disponível em: [http://eduep.uepb.edu.br/alpharrabios/v2n1/pdf/TRANSFORMACOES\\_URBANISTIC\\_AS.pdf](http://eduep.uepb.edu.br/alpharrabios/v2n1/pdf/TRANSFORMACOES_URBANISTIC_AS.pdf). (Acessado em 19/06/2011).

CHARTIER, Roger. **O mundo como Representação**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>. (Acessado em 20/05/2013)

D'INCAO, Maria Ângela. **Mulher e família burguesa**. In: PRIORE, MaryDel (org.). História das Mulheres no Brasil. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidade**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ENGEL, Magali. **Psiquiatria e feminilidade**. In: PRIORE, MaryDel (org). História das Mulheres no Brasil. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

FALCI, MiridanKnox. **Mulheres do sertão nordestino**. In: PRIORE, Mary Del (org). História das Mulheres no Brasil. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

FEITOSA, Manuela de Farias. **Costurando seu destino: A emancipação da mulher através do trabalho na confecção na cidade de Santa Cruz do Capibaribe**. Curso de História, UEPB, 2007.

FONSECA, Cláudia. **Ser mulher, mãe e pobre**. In: PRIORE, Mary Del (org). História das Mulheres no Brasil. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

GIULANI, Paola Cappellin. **Os movimentos das trabalhadoras e a sociedade brasileira**. In: PRIORE, Mary Del (org). História das Mulheres no Brasil. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HEILBORN, **Maria Luiza. Construção de si, gênero e sexualidade**. Sexualidade: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres na sala de aula**. In: PRIORE, Mary Del (org). História das Mulheres no Brasil. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MACHADO, LiaZanotta. **Gênero, um novo paradigma?** Caderno Pagu (11) 1998: PP. 107-125.

MOUTINHO, Marcelo. **Não posso mais, eu quero é viver na Orgia**. Ed, 164. Bravo, maio de 2011.

NASCIMENTO, Uelba Alexandre do. **O doce veneno da noite: prostituição e cotidiano em Campina Grande (1930-1950)**. Campina Grande: EDUFPG, 2008.

PARANHOS, Adalberto. **Além das Amélias: música popular e relações de gênero sob um regime ditatorial**. Disponível em: <http://www.iaspmal.net/wp-content/uploads/2012/01/AdalbertoParanhos.pdf>. (Acessado em: 20/11/2012)

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica**. HISTÓRIA, São Paulo, V. 24, N. 1, p. 77-98, 2005.

PENA, Maria Valéria Junho. **Mulheres e trabalhadoras: presença feminina na constituição do sistema fabril**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

PERROT, Michele. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução: Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos Anos Dourados**. In: PRIORE, Mary Del (org). História das Mulheres no Brasil. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil: 1890-1930**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

RAGO, Margareth. **Pensar diferentemente a História, viver femininamente o presente**. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos et al. (Org.). Questões de Teoria e Metodologia da História. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

RAGO, Margareth. **Ser mulher no século XXI ou Carta de Alforria**. VENTURI, Gustavo; et al. (orgs). A mulher brasileira nos espaços público e privado. 1 ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

RAGO, Margareth. **Trabalho feminino e sexualidade**. In: PRIORE, Mary Del (org). História das Mulheres no Brasil. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero e patriarcado: violência contra mulheres**. VENTURI, Gustavo; et al (orgs). A mulher brasileira nos espaços público e privado. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTANA, RosimereOlimpio de. **Raptos consentidos: Afetos proibidos e relações de poder na Paraíba (1880-1910)**. Curso de História, UFPB, 2008.

SANTOS, Taysa Silva. **A condição Feminina: dupla jornada de trabalho**. Disponível em: <http://www.cress-mg.org.br/arquivos/simposio/A%20CONDI%C3%87%C3%83O%20FEMININA%20D UPLA%20JORNADA%20DE%20TRABALHO.pdf>. (Acessado em 15/06/2013)

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Disponível em: [http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/6393/mod\\_resource/content/1/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf](http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/6393/mod_resource/content/1/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf) (Acessado em 25/05/2013)

SILIPRANDI, Emma. **Urbana e rurais: a vida que se tem, a vida que se quer**. VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol e OLIVEIRA, Sueli de. (orgs). A mulher brasileira nos espaços público e privado. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SILVA, Keila Queiroz e. **Entre as normas e os desejos: As mutações do feminino e do Masculino entre 50, 60 e 70 na Paraíba**. Curso de História, Recife: UFPE, 2009.

SILVA, Maria Aparecida Moraes. **De colona a boia-fria**. In: PRIORE, Mary Del (org). História das Mulheres no Brasil. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Silvia Tavares. **Cidades e as tramas do moderno**. Disponível em: [http://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/051267905272\\_ARQUIVO\\_Cidadeseastramasdomoderno-textocompleto.pdf](http://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/051267905272_ARQUIVO_Cidadeseastramasdomoderno-textocompleto.pdf). (Acessado em 10/01/2013).

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis: Vozes, 2003.

SOARES, Vera. **O feminismo e o machismo na percepção das mulheres brasileiras**. VENTURI, Gustavo; et al. (orgs). A mulher brasileira nos espaços público e privado. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SOIHET, Rachel. **Mulheres pobres e violências no Brasil urbano**. In: PRIORE, Mary Del (org). História das Mulheres no Brasil. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

# APÊNDICE

## QUESTÕES ORIENTADORAS DAS ENTREVISTAS

NOME:

IDADE:

PROFISSÃO:

ESCOLARIDADE:

RELIGIÃO:

ESTADO CIVIL:

FILHOS:

1. Você se sente realizada no seu campo de atuação profissional? O que a motivou a trabalhar nesta profissão?
2. Como você se percebe enquanto mulher e enquanto trabalhadora?
3. Como sua família lhe percebe enquanto trabalhadora?
4. Como você é percebida enquanto profissional por sua comunidade?
5. Qual a importância a sua renda ocupa nas despesas de sua casa?
6. Caso a condição financeira dos seus pais/maridos fosse suficiente para manter as despesas da sua casa e de seu consumo pessoal, você trabalharia?
7. Qual relação você percebe entre a sua escolaridade e seu campo de atuação profissional?
8. Em relação aos afazeres domésticos de sua casa, qual sua contribuição para os mesmos?
9. Em relação à maternidade, o que lhe motivou a ser mãe?
10. Qual a participação do seu esposo em relação à educação dos seus filhos?
11. Para você existe um “modelo ideal de mulher”?